

LUIZ FELIPE TAVARES DE SOUZA
LUIZ GUSTAVO MATIAS DOS SANTOS

IRMÃOS LOESH:
CONTOS DA NÉVOA E DA LUZ

Atena Editora
Ano 2023

LUIZ FELIPE TAVARES DE SOUZA
LUIZ GUSTAVO MATIAS DOS SANTOS

IRMÃOS LOESH:
CONTOS DA NÉVOA E DA LUZ



Atena Editora
Ano 2023

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Camila Alves de Cremo
Ellen Andressa Kubisty
Luiza Alves Batista
Nataly Evilin Gayde
Imagens da capa
iStock
Edição de arte
Luiza Alves Batista

LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES

Irmãos Loehs: contos da névoa e da luz

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Autores: Luiz Felipe Tavares de Souza
Luiz Gustavo Matias dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729 Souza, Luiz Felipe Tavares de
Irmãos Loehs: contos da névoa e da luz / Luiz Felipe Tavares de Souza, Luiz Gustavo Matias dos Santos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-1668-5
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.685232407

1. Conto. 2. Literatura brasileira. Souza, Luiz Felipe Tavares de. II. Santos, Luiz Gustavo Matias dos. III. Título.
CDD 869.93

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES

DECLARAÇÃO DA EDITORA

APRESENTAÇÃO

É com grande prazer que apresentamos o livro "Irmão Loesh: contos da névoa e da Luz" dos autores Luiz Felipe e Luiz Gustavo. Nesta incrível antologia de contos de terror, cada capítulo nos transporta para um universo assustador e intrigante, repleto de emoções intensas e arrepios na espinha.

Com uma escrita cativante e habilidosa, os autores nos levam a explorar diferentes pesadelos e medos profundos, envolvendo-nos em enredos sinistros e reviravoltas surpreendentes. A cada conto, somos lançados em um turbilhão de suspense, onde o sobrenatural e o psicológico se encontram.

Essa obra promete despertar emoções intensas, fazer o coração acelerar e deixar os leitores à beira do assento. Preparem-se para uma jornada repleta de sustos e tensão, mas também de reflexões sobre os medos que habitam nossa própria mente.

Então, sem mais delongas, convidamos vocês a adentrarem as páginas deste livro e explorarem os terrores que Luiz Felipe e Luiz Gustavo têm a oferecer. Estejam preparados para uma experiência que irá arrepiar até o último fio de cabelo. Boa leitura e que os pesadelos comecem!

SUMÁRIO

O SORRISO DA BRUXA

Sempre tive bastante amigos, mas nenhuma amizade se comparava a que eu tinha com Dart e Louis, os melhores amigos que eu podia ter. Era rotineiro entrarmos em confusão e sempre ficávamos de castigo por causa disso. Era chato pelo Dart, que nunca merecia, ele era a nossa consciência, não que precisasse ser uma criança genial para saber que não se deve invadir a casa de um estranho para ter certeza se ele é um assassino ou só um cara esquisito, mesmo assim ele sempre estava lá para fazer a gente repensar nossas "brilhantes" ideias e, mesmo que não adiantasse, na maioria das vezes, ele sempre estava do nosso lado.

O maior culpado pela maioria dos nossos problemas e com certeza todas as histórias incríveis que eu poderia contar é o Louis. Ele tinha ideias que me faziam pensar que poderíamos encontrar um tesouro e esquecer que estávamos entrando numa floresta à noite sem avisar à ninguém. Bem, eram brincadeiras perigosas, sabíamos disso, porém nunca imaginamos o quão perigosas elas seriam.

O único lugar que nunca nos atrevemos a chegar perto foi numa casa velha, próxima à floresta. Sua única moradora era uma senhora acabada que sempre víamos fazendo caras e bocas, pelas ruas, ignorando qualquer um que tentasse contato. Alguns dos nossos amigos diziam ter ouvido vozes do além quando passaram pelo lado dela na rua, outros que pedras eram chutadas e a grama era pisoteada por passos que andavam ao seu lado. A chamávamos de bruxa quando éramos crianças.

Hoje, adolescentes, tanto o título dela quanto o nosso medo permaneceu até que uma garota estranha que andava com os esquisitos do colégio, Delilah, resolveu se intrometer em nossa roda no refeitório enquanto falávamos da velha e nos desafiou a entrar na casa dela.

Depois de tudo que já fizemos, era moleza entrar naquela casa, porém o medo falou mais alto e demos desculpas até corrermos o risco de virar piada no colégio. Dart não se importava, Louis não queria ir, só que ele iria caso eu fosse. Eu não queria ser piada e Dart não nos deixaria sozinhos. No fim, nós três fomos.

Usamos o celular e filmamos ao vivo para nosso grupo de espectadores e desafiantes o momento em que entramos na casa, assim que garantimos que a velha não estava.

Para nosso alívio era só uma casa velha, nada fora do comum. O desafio foi cumprido, podíamos sair, entretanto, ríamos tanto do medo idiota que guardamos que começamos a zoar para a câmera e bagunçar a casa. Até o Dart que era bem tímido se soltou de tão aliviado.

A farra acabou quando ouvimos barulhos dos fundos, onde não olhamos e,

novamente apreensivos e quietos, ficamos estáticos esperando apenas nos depararmos com a velha que gritou nos assustando. Meus amigos correram, mas eu fiquei para trás, tentei acalmar a senhora e pedir desculpas enquanto ouvia ela praguejar em frenesi: "Agora trouxe três?! Por quê?! Eu te falei..."

Os gritos então se tornaram uma serena voz e seu semblante de ódio se transformou em tristeza.

Aos prantos ouvi ela sussurrar: "Esse sorriso... É você, né?" Percebi que não falava comigo e sim com algo ao meu lado, até que ela olhou nos meus olhos e disse, "Muito bem. Vocês quatro conseguiram, me mataram, mas eu garanto que não vai demorar para se matarem também!" .

Com esse último dizer, em um grito aterrorizante, foi minha vez de fugir.

Foi nossa pior brincadeira, nosso vídeo viralizou pelo susto que tomamos, ganhamos a fama de medrosos que não queríamos, ficamos de castigo pelo crime que cometemos e... dias depois, descobrimos que a velha morreu. Suicídio foi constado, só que eu sabia que fizemos algo, sabia que ela viria atrás da gente.

Contei o que ouvi da velha a Louis e Dart no colégio, contudo me disseram que ela devia ser maluca e tínhamos problemas piores para nos preocuparmos.

Não demorou para Dart dizer que, às vezes, via a velha de longe o espreitando. Ele tentava ignorar, só que um dia, naquela mesma semana, ele a viu enquanto estávamos próximos. Não víamos nada e a situação foi engraçada demais, ver o nerd tímido gritando e se sacudindo para a "bruxa invisível" ir embora foi hilário. Eu não conseguia me segurar e tentei perguntar se ela ainda estava lá. "Ela sorriu", disse ele.

"Deve estar achando engraçado também!" Não resisti à resposta de Louis, nem quando nosso amigo saiu derramando lágrimas de desespero.

No colégio, no dia seguinte, fomos nos desculpar com Dart, ele não parecia ter dormido muito e não estava muito comunicativo, dizia que não era pelas nossas atitudes, apenas não sentia muita vontade de viver.

Com o passar dos dias ele nos contava as visões horríveis que o atormentavam, seu falecido pai o perseguindo na escuridão, sempre sorrindo assim que Dart tentava se comunicar e alucinações piores até o ponto de ver sua mãe destroçada na cozinha, enquanto seu cachorro comia a minha carne e a de Louis, servida em seu prato, apenas para despertar logo em seguida e perceber estar sentado na cozinha olhando seu cachorro comer a ração que sua mãe lhe serviu.

Eu tentei dizer ser a maldição da bruxa, mas Louis ficou revoltado, pois já estávamos ficando com fama de malucos na escola e disse para Dart ir à um psicólogo. O Dart sensato que conhecíamos escolheria sem hesitar o psicólogo, porém o Dart perturbado

acreditou na maldição e no dia seguinte o encontraram morto com os pulsos cortados, na parede escrito com o sangue dele "o sorriso deles consumiu o meu".

Louis me culpou por fazê-lo acreditar naquilo em vez de mandá-lo buscar ajuda e paramos de nos falar. Ele não era mais meu amigo, não tinha mais amigos, me tornei o esquisito do colégio, sozinho.

Algum tempo depois soube que Louis começou a ir em um psiquiatra e eu realmente achei que ele tinha enlouquecido quando invadiu meu quarto na madrugada pela janela, dizendo que descobriu como sobreviver à maldição. Disse que começou a ter visões do Dart, pensou em procurar ajuda, porém os remédios não mudavam nada, então ele tentou se comunicar com "Dart" e ele sorriu. Segundo ele, foi esse sorriso que nosso amigo se referiu com seu sangue e as únicas vezes que Louis fazia as aparições sorrirem era quando tentava se comunicar. Ainda assim ele era atormentado, sentia precisar acabar com aquilo, se não morreria, e me pediu para ir com ele na casa da bruxa. Eu não aceitei e pensei que ele desistiria, contudo ele insistiu e começou a dizer coisas malucas. Eu ameacei chamar meus pais, quando ele começou a falar.

"Por favor, você precisa! Você precisa... Me deixar em paz!" .

Louis não falava comigo, parecia ver coisas que eu não via e chorava desesperado. Não demorou para meus pais chegarem no quarto e então meu amigo me disse: "Então, dessa vez, você deixou eu e Dart sofrermos as consequências sozinhos".

Ele puxou uma faca da cintura e fugiu pela janela, meu pai foi atrás dele e alguns minutos depois voltou com um corte na mão dizendo que Louis havia se esfaqueado. Foi a última vez que vi meu amigo vivo... Mas não morto.

Eu quase sorri, quase abri a boca, quase falei com Louis, sentado em sua carteira na sala de aula. Meu corpo gelou, eu não vi o corpo morto dele, contudo sabia que não era ele.

Durante toda a aula eu tentava descobrir uma forma de acabar com a maldição. Não pode fazê-lo sorrir, caso interaja com ele, ele sorri. E agora? Viver fadado a ver fantasmas que me atormentariam? Eu precisava de mais respostas. Passei dois dias sendo observado pela bruxa, por Dart e Louis.

Um dia, saindo do colégio, vi meu pai ao longe, que sempre ia me buscar de carro, só que dessa vez ele estava sem seu carro. Esperei chegar perto para perguntar onde ele tinha estacionado, não tinha problema ir a pé para casa, só que a estrada me ajudava a pensar.

Foi quando vi que ele não segurava a chave do carro, significando que o carro não estava perto, entretanto, quando ia falar com ele, notei que o corte em sua mão, feito há dois dias, não estava lá.

Me arrepiei todo pensando que quase tinha condenado minha vida e então meus olhos lacrimejaram. Se aquilo tomou a forma do meu pai, ele estava morto. Então vi seu carro chegar e ele se desculpou pelo atraso. Após enxugar as lágrimas e disfarçar, deixei aquela coisa idêntica ao meu pai, entrando no carro, agora sabendo que aquilo se mascarava de qualquer pessoa, viva ou morta.

Na estrada eu liguei essa informação ao que a velha disse, "Trouxe três". Quem levou eu e meus amigos àquela bruxa? Quem era o quarto intruso que ela tinha visto? Parecia idiota, porém lembrei da pessoa mais interessada em nos levar para aquela casa: Delilah. Quando a interroguei, ela não hesitou em me contar a verdade.

Ela estava caminhando na floresta quando viu a velhinha a encarar com medo e desviar o olhar. Delilah se ofendeu já que todos a olhavam estranho, mas logo teve pena e simpatizou com a velha, acreditando que ela não teve uma vida boa, por isso temia a sociedade.

A garota a seguiu até sua casa, tentando conversar e continuou sendo ignorada pela velha, até que abrindo a porta de casa ela pareceu ter visto algo que a assustou lá dentro e ficava encarando Delilah e o interior vazio da casa.

"Agora você é dois?" disse a velha, para sua sorte, à Delilah.

Tendo a velha entendido que não se tratava do monstro, pediu para a menina ir embora, contudo Delilah olhou para dentro da casa e viu outra senhora parecida com a velha.

"Olá! Vocês são irmãs?" perguntou a menina para o que estava lá dentro e um sorriso selou seu destino.

Com pena da jovem, a velha lhe contou o que viria a seguir, contou que sua família sofria com aquele ser há gerações e, na tentativa de acabar com aquilo, sendo ela a última sucessora da família, a senhora se isolou e esperou ter uma morte normal para não alimentar aquilo e sumir com o ser de vez, só que agora Delilah seria perseguida.

Inconformada, friamente Delilah assumiu que não queria sofrer sozinha e condenou as únicas pessoas que entrariam naquela casa... Eu e meus amigos.

Eu explodiria de raiva, porém o que faria com ela? Nosso destino já estava traçado, e a única forma que teríamos para sobreviver era nos juntarmos e irmos até à casa da bruxa, pois talvez existisse alguma coisa que nos manteria vivos.

Chegando lá nos separamos. Nem queria ficar perto dela, só queria me livrar da maldição. Procurei por todo lugar uma resposta, apenas para ter cada vez mais certeza de que aquela era uma simples casa, sem nada útil. Então, perdendo a esperança, ouvi a voz de Delilah me chamando. Ela tinha encontrado uma pista e agora tínhamos uma direção.

"Sabe o que descobri?" Ela me olhou mórbida.

"O que?" perguntei apreensivo, agora esperando notícias ruins, porém seu semblante mudou para um sorriso e eu me aliviei.

"Por um segundo esperei uma notícia terrível, cara!" Sorri junto com ela.

"Descobri que isso sabe falar." disse Delilah choramingando do outro cômodo. "Mas eu avisei que não morreria sozinha."

Eu também descobri duas coisas naquele momento: A bruxa sempre foi aquela menina e não fazia diferença saber mais nada, porque minha história tinha acabado ali.

ESTRANGEIRO DESONRADO

Nesse dia, parece que acordei de uma ressaca. Largado na rua, não lembrava de nada, nem sequer de onde eu morava.

Andei pela cidade oprimido por olhares enojados de todo lado. Podia parecer um vadio, mas não precisavam me tratar como um condenado.

Pessoas corriam e lojas se fechavam para não me deixar entrar, até que um estranho homem rindo veio me perguntar onde eu queria chegar.

Ao tentar me apresentar notei que não lembrava nem mesmo quem eu era, mas o velho sorriu e prometeu que me levaria de volta à minha terra.

"Você é estrangeiro", explicou o homem de bom grado, "quando chegar em casa verá que não é tão estranho para ser assim desonrado".

Entramos na floresta e o homem parou de sorrir, pediu perdão pois não sabia que nosso caminho terminava ali.

Minha casa era distante das outras porque eu fui sim desonrado, porém não havia nada que pudesse fazer, então voltei ao meu túmulo, que marginais escavaram.

ESQUECIDOS

Eu e minha irmã tínhamos problemas com memória, às vezes esquecíamos do caminho de casa e aparecia um homem sem rosto espreitando de becos e lugares escuros que nos chamava. Às vezes esquecíamos que estávamos perdidos e seguíamos ele acreditando que chegaríamos em casa, até sermos encontrados em situações perigosas, como perto de precipícios prestes a nos jogar ou com facas prontos para tirarmos nossas próprias vidas. O homem sem rosto sumia, esquecíamos o que estávamos fazendo e éramos levados para casa.

Nossos pais cuidavam muito bem da gente e nos davam remédios receitados para não nos esquecermos das coisas importantes. Contudo era inevitável, sempre esquecia de algo, como tomar meus remédios quando meus pais não estavam por perto, por exemplo, e aí só minha irmã me lembrava e vice versa. Podíamos esquecer de tudo menos um do outro.

Um dia enquanto minha irmã estava longe de mim esqueceu de tomar os remédios e quando eu a encontrei estava com uma faca dizendo que lembrou do caminho de casa porque conversou com o homem sem rosto e precisávamos ir embora. E então me deu uma facada, mas foi detida pelos meus pais, muito nervosa tentando se matar e foi levada para um hospício, onde seria tratada.

Eu prometi a mim mesmo que tomaria todos remédios, só que fiquei muito assustado quando vi o homem sem rosto balançando a cabeça, me dizendo não. Aliás, mesmo se quisesse tomá-los não poderia pois fiquei internado por causa da perfuração e os remédios podiam complicar meu tratamento. Foi tempo suficiente para minha mente esclarecer e eu lembrar do caminho de casa, da verdade. Depois que recebi alta comecei a fingir engolir os remédios e quando engolia me forçava a vomitá-los. Eu não podia esquecer da verdade que minha irmã tentou me dizer. Disso eu não esqueci.

Quando minha irmã voltou ela estava diferente, não se lembrava mais da verdade. Como os remédios tinham feito ela esquecer quem era, eu precisava fazer algo, antes que também esquecesse de tudo novamente.

Na mesma noite fui até o quarto dos meus pais para pegar o revólver do papai, mas acabei acordando os dois e meu pai me desarmou. Era a minha vez de ir para o hospício, porém o homem sem rosto apareceu e só de olharem para ele a pele dos meus pais descascou enquanto se contorciam. Logo peguei o revólver e os mandei para outro lugar descarregando o tambor. Sabia que não iriam pro mesmo lugar que eu e minha irmã, afinal não eram nossos pais de verdade, não eram nossa espécie, mas acabei com a dor que o corpo podre deles sentia. Além de que o homem sem rosto disse que se não os matasse não conseguiria salvar minha irmã.

Ela, desesperada, correu até o quarto por causa do barulho e viu a cena, chorando. Eu a acalmei dizendo que logo ela se lembraria. Como a arma estava descarregada e ela agitada tentando fugir tive que terminar o serviço com minhas próprias mãos para acabar com o sofrimento dela. Não importa se fui rápido ou não, ela estava em casa finalmente. Peguei uma faca e finalmente iria embora também, mas

o vizinho apareceu e mesmo espantado com o que viu ele tentou conversar. Ele foi convincente e me fez largar a faca, então o homem sem rosto apareceu atrás dele, gritando grunhidos que me hipnotizaram. Eu entendi "Você já está atrasado!".

Enquanto o vizinho colocava as mãos nos ouvidos sangrando em agonia e seu rosto derretia, peguei a faca e a enfiei na minha garganta freneticamente. Talvez, se eu não me atrasasse poderia brincar mais um pouco.

Eu estava de volta em casa. Sempre demoramos muito brincando fora e esquecemos que temos que voltar. Se não fosse o homem sem rosto nossos pais nos pegariam e acabariam com nosso lugar preferido para brincar.

Eu não me atrasei, meus pais ainda não tinham chegado, porém minha irmã também não estava lá. Talvez eu não tenha conseguido trazer ela como pensei.

Eu só encontrei o homem, que apesar de não ter rosto sabíamos que ele sorria muito feliz sempre que voltávamos de lá. Ele disse:

"Sua irmã não voltou, mas seus pais ainda não chegaram. Ainda dá tempo para outra brincadeira."

Eu te contaria o que respondi, o que aconteceu depois, só que eu esqueci.

SAMAEL

Eu e meu marido tínhamos o sonho de ter um filho, porém, por infertilidade, nunca conseguimos e um casamento até então inabalável começou a decair em desgosto. Enquanto ele passava os dias nos bares, eu tentava continuar nossa vida fingindo não estar desesperançada, só que não tinha como fingir quando ele chegava bêbado e insistia em discutir sobre como eu era incapaz de lhe dar um filho.

Depois de tantas brigas, chegou o momento que decidimos nos divorciar. No fundo, nós não queríamos isso, nos amávamos muito, contudo de alguma forma pensar sobre ter um filho, uma família completa, era algo que nos abalava de verdade. Como uma fraqueza. Desde que o conheci ele era cético, diferente de mim, e depois do casamento comecei a frequentar a igreja da pequena cidade para onde nos mudamos, porém, deixei essa minha fé se apagar. Acho que era o momento de recorrer ao último recurso que me fazia acreditar num final feliz.

Chorando na igreja, implorando por uma resposta, dona Santana sentou-se ao meu lado com um sorriso no rosto e, olhando nos meus olhos, me disse:

"Não chore, querida, se uma criança é tudo que deseja, você está complicando tudo, está fazendo tempestade em copo d'água. Você pode conseguir o que quer, porém tudo tem um preço. Afinal, aquele que dá, recebe. Primeiro vamos plantar, então colheremos..."

Eu me arrepiei, quem me consolava era uma senhora cega, muda e surda. Era um milagre, uma resposta. Em seguida, dona Santana me contou o que eu deveria fazer para ter uma criança, para salvar meu casamento.

"Se regar o jardim ele nunca vai morrer, só florescer, todavia se o pecado for plantado junto ele gerará fruto, então se lembre do que fez uma pessoa ser um casal e um casal ser uma só pessoa."

Eu entendi tudo. Aquelas palavras enigmáticas se desvendaram na minha mente, então eu me apressei para fazer aquele ritual. Peguei uma rosa, uma fruta mordida por mim e meu marido, então invadi um cemitério para conseguir uma costela, meu sonho dependia disso. Levei tudo até meu jardim, enterrei e com a rosa espinhenta dilacerei meu braço e reguei meu plantio com sangue. Estava feito.

Após terminar o estranho ritual, me deitei ao lado do meu marido torcendo para que quando acordasse as coisas estivessem diferentes. Tive um pesadelo, como uma paralisia do sono, na escuridão, senti o colchão afundando ao meu lado, onde meu marido dormia. Agora em cima de mim eu o ouvia rir e dizer um nome, Samael, enquanto abusava de mim. Foi desesperador, é horrível a sensação de lucidez que tive, contudo ao acordar tudo parecia normal. Meu marido estava de folga e apesar de me contar que a madrugada foi estranha, que tinha lembranças de se relacionar comigo à força, parecia mais ter sido um pesadelo. Só que ele ainda estava frio comigo e continuou daquele jeito até eu mostrar meu teste de gravidez positivo. Nossa vida finalmente voltava a se estruturar.

Poderia dizer que foram os melhores nove meses das nossas vidas, comprando roupinhas, construindo um quarto, planejando nossa nova vida, porém fomos assombrados com episódios de surtos

dele durante algumas madrugadas. Pelo menos uma ou duas vezes na semana, lá pelas três horas da manhã, eu acordava com sons de rezas. Na primeira vez olhei pela janela e vi dona Santana orando em palavras desconhecidas, então meu marido se levantou. Eu vi em seu semblante que não era ele. E então o que quer que estava em seu corpo me disse "Essa não é minha semente". Eu tinha certeza que só consegui salvar nosso bebê durante aqueles meses devido às orações de dona Santana.

Durante uma madrugada, desci para a cozinha para beber água, então senti minha barriga doer, minha cabeça começou a girar e as orações da dona Santana começaram. Eram três da manhã, minha bolsa estourou e eu ouvi meu marido descendo as escadas. Tentei correr, ia me trancar no banheiro, mas ele me alcançou. Estava enlouquecido e ia matar nossa criança, então eu resisti, atirando tudo que estava no meu alcance. Com minhas últimas forças, corri para a porta, pois se chegasse na dona Santana estaria protegida. Assim que abri a porta, caí aos pés da senhora, que estava parada em frente à minha porta e quando lhe pedi ajuda senti seu pé afundando em minha barriga. Eu apaguei passando mal e quando acordei, ainda fraca demais, segui o rastro de sangue que saía de mim e ia até o quarto do meu bebê, Samael, onde encontrei o meu marido chorando e sangue por toda parte. Nosso bebê havia partido.

Meu marido não tinha culpa, de alguma forma estava sob alguma possessão incitada por dona Santana. Não havia o que fazer, assumi ter abortado sem querer e perdi as esperanças de ter uma criança. Entretanto, meu marido parece ter sofrido um choque de realidade com tudo aquilo e voltou a ser o homem dos meus sonhos, que eu conheci anos atrás. Ainda carregávamos cicatrizes daquela madrugada de terror que vivemos, mas eu me forcei a deixar aquilo para trás. Não voltei nem naquela igreja para não olhar nos olhos daquela velha estranha.

Meu marido, sabendo da dor que eu guardava, finalmente cedeu e decidiu adotar crianças, não ligando mais que éramos incapazes de gerar nossas próprias. Adotamos a Jenny e o Jacob e tínhamos finalmente uma família completa. Mas ainda parecíamos ser perseguidos por alguém que nunca quis ver nossa família feliz de verdade. Em algumas madrugadas voltei a acordar com rezas em palavras estranhas da velha Santana e corria para deter meu marido, que quando não estava atacando paredes da casa ameaçava atacar nossos novos filhos dizendo a mesma frase de quando eu estava grávida de Samael: "Essa não é minha semente".

Nada, nem mesmo remédios funcionavam, então durante uma madrugada eu corri até a velha e, já que ela não ia embora não importasse o que eu lhe dissesse, eu a agredi. Quando me encontrei lúcida do que havia feito, deixei ela no chão e voltei para casa. Ela foi levada para o hospital e sem ter como se comunicar nem tendo motivo algum para estar àquelas horas na rua, ela morreu sem que me envolvesse naquele caso.

Os surtos do meu marido finalmente cessaram, entretanto a casa parecia apodrecer. Goteiras apareciam, mofo se criava do dia para a noite, a madeira se envergava ao ponto de criar ramos de espinhos e, às vezes, víamos sangue em alguns lugares. Meu cético marido acreditou ser apenas um problema da casa velha e o sangue podia ser de animais, então algumas obras poderiam resolver tudo.

Enquanto eu tirava o mofo de uma das paredes ela desmoronou e entre os dutos de ar, as fiações e outras coisas que ficam entre as paredes encontrei símbolos e uma espécie de ossada de animais frescos, como se algum predador levasse sua comida para ali, mas com um intuito mais profano. Depois que Jenny e Jacob me contaram sobre um "amiguinho" chamado Samael que o papai parou de espantar nas madrugadas e agora conversava com eles os chamando para brincar, eu convenci meu marido a chamar um especialista. Durante o exorcismo não aconteceu nada demais, até admito parecer uma encenação besta, e nada aconteceu desde então, com as crianças dormindo no nosso quarto enquanto tentávamos achar um novo lar.

À medida que o aniversário do nascimento e morte de Samael chegavam, as coisas pioraram, gritos de um bebé em agonia podiam ser ouvidos durante as madrugadas, um cheiro de defunto insuportável circulava pela casa e mesmo assim prolongamos nossa saída, até que o dia de aniversário de Samael chegou. Quando eu acordei depois de um terrível pesadelo em frente à TV da sala e corri para o quarto em busca do meu marido e filhos. Lá encontrei a cama das crianças ensanguentada e, de pé, meu marido sujo de sangue.

Gritei ao ver a cena e ele me notou. Ele caminhou até mim e as últimas palavras que ouvi foram: "Eles não são mais minhas sementes. Nem você".

SIMPATIA

Gosto muito de uma garota da minha sala, a Isabela, mas àquele ponto já tinha tentado de tudo, mesmo assim ela não me dava atenção. Tentei procurar uma ajuda, uma forma de fazê-la gostar de mim, na internet. Como esperado encontrei um monte de dicas inúteis, então resolvi ir mais fundo. Com alguns atalhos eu entrei em fóruns sobre misticismo e acabei encontrando uma simpatia que resolveria meu problema. Bom, aquele lugar não era para brincadeira, então não custava tentar.

Precisei de duas tiras de papel, uma com o nome dela escrito por ela e molhado com a saliva dela, o que não foi tão difícil de conseguir como imaginei, e outra escrita o meu nome com meu sangue, o que foi dolorido e complicadíssimo de fazer. Depois coloquei as tiras juntas, com um nome virado para o outro, e enrolei em linhas de lã vermelha, como em um casulo. Por fim, precisava selar o casulo com cera de vela negra. Depois de tudo isso chegavam as partes práticas, que eram bastante vergonhosas pois precisavam ser feitas em contato visual com a pessoa. Era meio vergonhoso, mas se faria a Isabela gostar de mim eu estava disposto.

Assim que vi ela na rua me preparei para fazer. Coloquei o casulo com as duas tiras de papel na boca e enchi de água, olhei fixamente para ela e dei dois passos firmes, então virei o rosto para a direita e fechei os olhos, estendi minhas mãos abaixo do queixo e disse:

"Você será minha. Eu serei seu. Você me entrega ao seu mundo. Eu me entrego ao seu."

Enquanto falava derramava a água da boca nas minhas mãos e dito as quatro frases engoli o casulo e passei a água das mãos no meu rosto. Estava com muita vergonha de estar sendo visto por alguém, contudo me concentrei nas partes mais importantes descritas. Eu tinha que amar a pessoa de verdade e assim que abrisse os olhos tinha que vê-la primeiro que qualquer pessoa.

Eu consegui, abri os olhos e vi ela, só que ela não tinha mais um rosto. Ninguém tinha rosto nesse lugar que eu fui parar. Não demorou para eu perceber que não me entreguei à Isabela, me entreguei a algo que não compreendia e agora estava preso nessa cópia do mundo real. No mundo desse ser.

Apesar de estar livre nesse mundo vazio, ainda estava conectado ao meu corpo oco no mundo real. Eu sentia o que meu corpo sentia, ouvia tudo e eu ouvi a Isabela perguntando se eu estava bem, se eu precisava de ajuda, mas não consegui respondê-la. Às vezes quando visito certos lugares vejo do outro lado dos espelhos Isabela segurando meu corpo vazio. Infelizmente tô preso do outro lado sem poder aproveitar, mas pelo menos funcionou, a garota que eu amo não largou o meu corpo vazio desde então.

BEM QUENTINHA

No país em que moro é muito frio, o sol parece não fazer diferença, o pior é quando chega uma determinada época do ano que cai tanta neve que nenhum comércio funciona e ficamos aprisionados dentro de casa. Algumas famílias acabam fazendo cálculos errados e não sobra comida até o fim da nevasca então alguém precisa se arriscar deixando seu lar para procurar comida. Muitos não voltam.

Há uma mansão cheia de chaminés que durante essa época não para de soltar fumaça. Imagino como lá é tão quentinho e deve ter comida de sobra. Pena que não sou rica.

Esse ano recebemos a visita dos meus tios e minha prima Jéssica. Foi muito legal ter alguém para brincar, ainda mais ela que é tão corajosa que escala árvores, faz acrobacias, atiça os animais selvagens nas ruas e enfrenta os moleques que implicam comigo. Queria ser corajosa assim, sem ela aqui vou voltar a ter uma vida sem emoção e me esconder de tudo que me assusta.

Tive uma notícia ótima. A nevasca chegou mais cedo e minha prima teria que ficar aqui até que ela acabasse. Nossos pais não ficaram felizes, pareciam preocupados. Acho que não teria comida suficiente para todo mundo. E eu estava certa.

Em uma semana a comida já estava escassa, então meu pai saiu com meu tio para caçar. Eles não voltaram naquele dia, então minha mãe e minha tia foram procurá-los um pouco no dia seguinte. Também não voltaram.

Eu não queria sair de casa, já estava muito frio lá dentro, imagina lá fora. Estava muito assustada e a comida tinha acabado, daí eu fui finalmente convencida pela Jéssica a sair e procurar nossos pais ou por comida. Ela me assustou muito, dizendo que morreríamos de fome ou de frio se ficássemos lá dentro.

Não caminhei muito até parar de sentir meus pés, porém Jéssica parecia continuar rápida. Até que a perdi de vista. Minhas lágrimas congelavam, meus passos ficavam cada vez mais pesados e eu tentava chamar por ela. Da neblina eu ouvi ela gritar e logo a vi tentando correr de um homem que a pegou. Eu me virei e tentei fugir, mas não aguentava nem me mover, estava congelando. Logo eu desmaiei e fui pega.

Quando eu acordei pensei ter morrido e parado no céu. Estava numa cama enorme tão quentinha e Jéssica estava em outra em frente, tomando chocolate quente.

"Eu falei! Eu te falei! Se você tivesse ficado em casa, só eu teria chegado nesse lugar!" disse ela.

O homem que nos pegou era o dono da mansão e estava tentando encontrar pessoas perdidas ou desabrigadas para resgatá-las da nevasca. O senhor Timóteo sentia muita pena da gente, aparentemente Jéssica contou que perdemos nossos pais. Eu o perguntei se ele os achou, ou se tinham morrido. Ele disse que já estavam em casa nos esperando e que nos levaria assim que fosse seguro sair. O senhor Timóteo mentiu, eu sabia que nossos pais já deveriam estar mortos, como as outras pessoas dos noticiários após a nevasca. Eu fingi não perceber, não queria preocupar ainda mais o velhinho.

Jéssica não parecia ter pensado nisso, ela apenas estava aproveitando de tudo que a mansão

tinha. Timóteo nos alimentou com muita comida e carne boa, de gente rica. Em quase todo cômodo havia uma chaminé que era tão quentinha que não importava onde estivéssemos, estávamos aconchegantes. Minha prima pulava nos móveis, desperdiçava comida e quase causava acidentes com fogo, então o senhor Timóteo corria atrás tentando consertar as besteiras dela. Chegou um momento em que ele começou a repreendê-la, porém assim que ela ameaça ir embora o velhinho se calava.

Um dia depois ela apareceu muito brava falando para irmos embora, foi o ponto que não resisti e briguei com ela, mas a deixei tão furiosa que me arrastou para sair. Eu gritei, me esperneei e ela me bateu para conseguir me levar para fora. No lado de fora, sendo arrastada pela neve, o senhor Timóteo me salvou. Eu corri e me escondi para não apanhar mais. O seu Timóteo agarrou a Jéssica e deu uma bronca tremenda nela. Escondida eu ouvi ela xingando e coisas quebrando. Ouvi ela gritar para ele deixá-la ir embora e eu, com medo dela ir de vez ou do senhor Timóteo expulsá-la, corri para outros cômodos para não ouvir a discussão. Me escondi num canto envergonhada e caí no sono.

O senhor Timóteo me encontrou porque acordei bem quentinha na cama com uma xícara de chocolate quente ao lado com uma carta.

"Querida, fui atrás da sua priminha.

Não consegui impedi-la de sair, contudo você não vai perdê-la também. Me perdoe pela confusão, ela já deve ter se arrependido. Não se preocupe se alguma chaminé estiver se apagando. Assim que chegar, irei acendê-las de novo."

Fui tentar me distrair pela casa. Na geladeira e peguei um pedaço de costela daquelas que a Jéssica desperdiçou e depois encontrei um porão. Eu não iria lá, porém se Jéssica estivesse aqui iria e se eu fosse junto sei que seria divertido, então decidi ser um pouco corajosa e desci.

Tinha uma enorme geladeira lá, um frigorífico. Quando abri ele encontrei carnes penduradas, como num açougue. O Senhor Timóteo era muito rico para ter tanta carne. Procurei o maior pedaço que tinha até que encontrei minha mãe pendurada, sem uma costela. Larguei o pedaço de carne que eu comia e percebi que meu pai e meus tios também estavam lá. Foi quando vi o senhor Timóteo na porta. Ele não disse nada. Eu chorei e caminhei até ele, então a porta se fechou diante de mim. Tudo voltou a ser frio. Encontrei minha prima. Ela era a mais bem conservada. Eu abracei ela pedindo perdão por não ter ido embora como ela mandou e adormeci no frio.

Quando acordei estava tremendo, nos braços do senhor Timóteo. Ele estava mudo e eu comecei a choramingar ainda sem forças, com medo do que ia acontecer.

Pensei que seria algo ruim, então me senti quentinha de novo. Quentinha de mais.

E aquela chaminé ficou acesa por bastante tempo.

O HOMEM QUE DIZIA A VERDADE

Um homem sorridente no coração da floresta sentado à beira do lago dizia a verdade no ouvido de todos que se aproximavam. Após uma rápida conversa todos que o ouviam se espantavam e, assustados com suas cabeças baixas, caminhavam até o lago e bebendo um pouco da água caminhavam para longe, sumindo na floresta, ou adentravam e sumiam na profundeza das águas.

Uma criança inocente e humilde sentou ao lado do velho e o sábio sorridente começou a falar.

"A verdade nunca deixa de ser verdade. Há quem tenta enxergar sua própria verdade enfeitando sua própria ignorância, tomam um gole dela e caminham para o vazio. Há quem descobre a verdade, mas prefere se afogar na ignorância, entretanto há quem aceita a verdade. Esses sentam na frente da ignorância e apreciam a paisagem, felizes porque a verdade não os assusta, rindo porque é hilário saber que algo tão simples assusta a maioria."

"Qual é a verdade?" perguntou a criança.

"Quer mesmo saber?"

Após a confirmação da criança, o velho cochichou no seu ouvido, apontando para o lago, para trás deles, na floresta e para o céu.

A criança sorriu e olhou para o céu.

"Eu não vou voltar, mas vou esperar vocês chegarem. Até mais, mamãe. Até mais, papai."

NÃO ERA PROBLEMA SEU

Mexendo no meu celular, em grupos proibidos que eu entrava por curiosidade, encontrei uma notícia de um bizarro assassinato ritualístico. Não dizia muita coisa, só contava que uma mulher tinha sido torturada e morta em uma espécie de sacrifício. Tinha algumas fotos dos símbolos e da mulher já morta e, apesar de parecer algo vindo de um filme, aquele grupo não brincava com essas notícias falsas, gostavam das verdades grotescas. As fotos comprovavam a veracidade. Contei para dois amigos mais próximos no trabalho. Paulo achou interessante, como eu, já Tomás só ouviu, sem dar muita bola.

No dia seguinte, Paulo chegou empolgado no trabalho, contando que pesquisou muito sobre a notícia que contei e foi difícil de achar, contudo, encontrou mais informações que, diferente da "curiosidade" que vi, tinha mais detalhes. Paulo descobriu que o nome da mulher era Maria e tinha desaparecido fazia alguns dias. Não tinha nada relacionado com sacrifício nas notícias públicas, só que ela simplesmente sumiu. E aí o Tomás pareceu se interessar, intrigado.

Ele lembrou que uma Maria, garota retraída e estranha, trabalhou na empresa há um mês, só que em um setor diferente, na mesma ala que Tomás. Ela estava fazendo um teste, contudo não foi aceita e perdeu a vaga. Como a casa dela era no caminho da dele, Tomás dava carona para ela e eles criaram uma amizade, porém há alguns dias Maria parou de responder ele e Tomás perdeu todo o contato com ela, mas sabia seu endereço. Então decidimos visitá-la.

Na sexta à noite saímos do trabalho e dirigimos no meu carro até o endereço.

A casa era cercada por muros, o portão era de correr e estava aberto. A gente, normalmente, chamou muito e ninguém atendeu. Depois de muita dúvida sobre isso ser besteira, coincidência, que entrar na casa dos outros seria crime e tudo que qualquer um pensaria hesitante, a gente entrou.

A casa estava revirada e ficamos cinco minutos perambulando lá, sem encontrar nada. No segundo andar recebi uma mensagem de um perfil fantasma com o email e senha de uma rede social da Maria. Logando pensei ter conseguido uma pista e fiquei até empolgado por participar de um mistério de verdade, na vida real, mas não havia nada de anormal, até que atualizando a página principal surgiram cinco postagens de fotos e vídeos dela.

A primeira postagem era uma foto dela encolhida no canto de uma sala sangrenta ferida. A legenda dizia: "Não vai encontrar nada aqui".

A segunda era um vídeo dela chorando implorando misericórdia. A legenda dizia: "Não vai encontrar nada em lugar nenhum".

A terceira era outro vídeo, só que dela agonizando, quase morta, no centro do círculo ritualístico. A legenda: "Agora, também não vão te encontrar".

A quarta era uma foto dela morta, pendurada acima do símbolo. "Porque isso não era problema seu".

E a última era uma foto dela esquartejada. Dizia: "Mas agora é".

Não era pista, quem quer que me mandou o login sabia que estávamos lá. Com um medo súbito, depois disso notamos que não encontraríamos nada lá e fomos embora. Descendo para a sala olhamos para a enorme janela que daria no quintal de trás da casa descobrindo pessoas mascaradas nos observando e então ouvimos carros chegando.

Aterrorizados e indefesos, corremos para meu carro e fugimos. Apesar do terror imenso e de me falarem para jogar meu celular fora, não ouvi. Dormimos os três na minha casa com medo e sem saber o que fazer de verdade.

Já acordou naqueles dias de calor horrível que você está cheio de remela, suado, com a boca seca e é uma sensação tão ruim que você quer sair da cama logo, tomar um banho, beber água, se hidratar, mesmo com preguiça e cheio de sono? Acordei assim, contudo no sofá daquela casa.

Desesperado, desconfortável e desidratado encontrei a porta trancada, então pensei em pular o muro pelo quintal de trás, só que me deparei com três homens de mantos negros e máscaras com zombarias desenhadas deitados como mortos no chão. Assim que os vi, eles pareceram despertar, me encararam e se levantavam. Pulei o muro o mais depressa possível, no fundo, esperando ser pego. Sabia que não tinha como fugir deles três e, mesmo que conseguisse, eles poderiam me trazer ou levar para qualquer lugar de novo, pelo visto. Sem saber como, consegui despistá-los e caminhei no sol quente, vestido da mesma forma que dormi, podendo ser confundido com um mendigo, descalço, de barriga vazia, boca seca, grudando de suor e com os olhos ainda meio sujos por quilômetros até em casa.

Neurótico, contei pro Paulo e pro Tomás, todavia não tinha nada que eles pudessem fazer, quem estava ferrado era eu, só eu pelo visto. Tomás caiu fora dessa história, disse que iria viver fingindo que nada tivesse acontecido e Paulo me aconselhou a procurar a polícia ou sumir do mapa. Até falei com a polícia e mesmo notando que o homem lá me achava louco, soube que ele fez o boletim, contudo não poderia fazer nada de mais a respeito. Me livrei do meu celular e fui dormir fora de casa, onde não me encontrariam. Tão paranóico, não contei para ninguém onde estava para "eles" não descobrirem. Paguei um motel bem longe de casa esperando poder voltar ao trabalho no dia seguinte como se nada tivesse acontecido.

Quando me deitei, mesmo sem noção nenhuma do que fazer para escapar dessa merda toda que me enfiei por acreditar ser uma historinha sobrenatural interessante, que no fim não seria nada de mais como qualquer outra, caí no sono rápido de tão cansado. E acordei em um pesadelo.

Eu não estava tendo um pesadelo de verdade, queria que fosse um, porém sei que não é. Me esforcei para me esconder, tudo para acordar sozinho, naquela mesma casa de novo. Eu sabia que os encontraria do lado de fora da casa, mas não fazia ideia do que tinha lá dentro comigo.

Espero que pelo menos sintam minha falta no trabalho, porque sei que não vão me procurar. Ninguém vai. Afinal, isso não é problema deles.

NÃO CHAME NINGUÉM NO ESCURO

Os pais do meu namorado faleceram e deixaram a casa de herança, então decidimos nos mudar e morar juntos nela. No início não gostei muito da ideia, a casa era velha e fazia muito barulho. Meu namorado não se incomodava, era normal para ele pelo fato de ser oriental e viver em casas de madeira desde sempre, porém eu era como uma criança e tinha medo de tudo. Ainda assim, apesar desse problema a casa era bastante elegante e estilosa, além de eu finalmente ter a oportunidade de morar com ele. Isso me ajudava a superar esses problemas idiotas.

Mesmo conhecendo bem ele pelo tempo que já namoramos, morar sobre o mesmo teto me fez o conhecer ainda melhor. Sempre soube que ele sofria de insônia, e por conta de ser um escritor ele aproveitava a noite para poder escrever.

Um dia, assim que eu acordei no meio da madrugada e não o vi na cama, fiquei com medo, afinal o quarto era escuro e barulhento à noite por conta dos ventos. Eu me levantei e fui atrás dele.

Caminhei até o escritório dele na ponta dos pés e encontrei a porta entreaberta com uma luz vindo do fundo. Chegando mais perto escutei o barulho do computador, então eu entrei sem fazer barulho e me aproximei dele, colocando a mão sobre seu ombro. Ele gritou igual uma criança assustada e eu acabei me assustando e gritando junto.

Ele me deu uma bronca, disse que não era para eu chegar assim de fininho e eu também briguei com ele por ter me deixado sozinha na cama. Rimos da situação e eu disse que na próxima iria chamar por ele quando estivesse chegando, mas ele não gostou da ideia e contou que eu nunca deveria chamar por ninguém no escuro, pois quando se faz isso, qualquer coisa que vive na escuridão pode ouvir.

Na hora eu ri e disse para ele guardar as histórias de terror oriental para os livros e em seguida chamei ele para voltar para cama comigo.

Alguns dias depois acordei e novamente vi que ele não estava deitado. Me levantei e fui caminhando até o escritório dele, mas dessa vez o chamei antes de entrar então as luzes se apagaram, eu escutei passos vindo do escritório dele, eu chamei de novo e nada do meu namorado responder. Mesmo que pensasse ser uma brincadeira de mau gosto estava muito assustada pra arriscar então corri e me escondi no armário do quarto.

Escrevi isso porque não sei o que pode acontecer comigo.

Escutei passos no quarto que se aproximavam do armário e então ouvi uma voz que meu namorado nunca conseguiria imitar que me disse: "Você me chamou, agora eu não irei embora".

O SANGRENTO

Nas últimas semanas, seis mulheres foram encontradas violentadas e mortas com pedaços faltando, por um maníaco à solta. O medo me obrigou a só sair de casa durante o dia para não me tornar vítima. Moro em um apartamento no décimo andar e a vizinha da frente, Catrina, pegou meu número com o síndico para conversarmos a respeito das movimentações suspeitas no prédio à noite. Desde então trocamos mensagens.

Por causa de reformas nas fiações, às vezes a energia do prédio caía durante a noite, então esperávamos o síndico reiniciar a caixa de força. Uma noite a energia caiu, mas nada do síndico religá-la. Catrina e eu tentávamos contatá-lo, porém não tínhamos resposta. Depois de tanta demora, decidi eu mesma descer os dez andares só para religar a energia e saí sob as luzes vermelhas de emergência. Assim que descia as escadas ouvi passos e uma risada vindos do andar de baixo, mas só vi uma sombra chegando na escada. Eu corri de volta para meu apartamento e tranquei a porta.

"Toc, toc". Alguém bateu na minha porta.

Olhei pelo olho mágico e vi pela luz de emergência um homem de uns dois metros esguio, vestido de branco, com longos cabelos, curativos ao redor da cabeça, braço direito, pulso esquerdo e em um dos pés, que estavam descalços. Suas mãos e boca estavam vermelhas de tanto sangue, mas estranhamente não tinha olhos. Ele encarava a minha porta enquanto gargalhava.

"Eu só tô com fome, a senhora pode abrir a porta para mim? Não foi eu quem abusou daquelas mulheres, eu juro." disse ele rindo e derramando sangue da boca.

Me escondi atrás do armário, em uma parede aberta com encanações. Ouvi minha porta se abrir e aquele estranho caminhava pela minha casa atrás de mim. Catrina começou a me mandar mensagens e me ligar preocupada, sorte eu ter conseguido silenciar meu celular à tempo.

Depois de agonizantes minutos, houve um silêncio ensurdecedor e Catrina me mandou mais mensagens. Alguém invadiu a casa dela e eu precisava ajudar. Ouvi gritos, mas tive muito medo para sair, então liguei para a polícia dizendo estar escondida e que o maníaco estava agredindo minha vizinha. O problema foi ouvir da polícia que não era para passar trotes, que o tal maníaco tinha sido identificado e preso fazia dois dias.

Depois que desligaram, tive que agir e fui até o apartamento dela enquanto liguei para o síndico pedindo ajuda. Ele finalmente atendeu e eu disse que Catrina estava sendo atacada. O problema foi ouvir do síndico que não morava nenhuma Catrina naquele prédio. Que eu era a única morando naquele andar. Quando entrei no apartamento dela encontrei o lugar totalmente vazio, sem nenhum móvel sequer, então a porta se fechou comigo lá dentro e eu ouvi risadas.

"Eu falei que não fui eu quem abusou delas. Só estava com fome e precisava me alimentar."

SONHO LÚCIDO

Acordei em um quarto que, apesar de idêntico, sabia não ser o meu. Com a sensação de estar em um lugar diferente levantei da cama e tentei abrir a porta, porém estava trancada. Procurei qualquer coisa que pudesse me ajudar a sair dali, mas tudo que achei foi um papel com uma frase escrita: "hoc non est somnium." Não sabendo seu significado o guardei.

Fiquei por horas preso lá, nem percebi como aconteceu, só lembro de acordar na cama novamente, dessa vez no meu quarto verdadeiro. Considerando ter tido só um sonho estranho, deixei para lá, contudo no fim do dia, ao dormir, acordei novamente naquele quarto idêntico ao meu, dessa vez envelhecido. Os móveis estavam quebrados, a cama rangia, portas do guarda roupa tinham caído, as paredes descascaram e, o mais importante, a porta, com o ferrolho quebrado, estava aberta. Então eu saí.

Lá fora era um lugar que eu nunca vi antes. O falso quarto era idêntico ao meu, mesmo agora envelhecido, todavia em vez da saída me levar à uma sala, como na minha casa, me levou a um corredor estreito com cinco portas, sendo duas em cada lado e uma no final do corredor. A primeira porta à minha esquerda estava entreaberta, diferente das demais trancadas, ao abri-la me deparei com um majestoso vale. Imenso, impossível estar dentro de qualquer lugar, mas dentro de um sonho era sim possível.

Entrando senti a maciez da grama molhada e a brisa gostosa, olhei para as montanhas que me cercavam, maiores que edifícios, vi o céu coberto por nuvens reluzentes com o dourado do sol que cobriam e ao longo, no final do rio claro que nascia de uma cachoeira, chovia. Nunca vi um lugar tão aconchegante e magnífico em toda minha vida. Um raio solar que passava pelas nuvens destacava um ponto do riacho, perto da bela cachoeira. Sentei com os pés na água refrescante do riacho, banhado pelo sol que me aquecia e tive a vontade de não querer acordar mais.

Olhando para a cachoeira vi que dentro dela havia um lindo santuário de flores, que fui ver de perto e em cima de um pedestal encontrei outro papel, novamente em uma língua que eu não conhecia, só que dessa vez estava a frase: "non relinquam hic locus"

Outra vez perdi a noção do tempo lá dentro, até começar a me entediar e sair de lá, em busca de novidades. A porta do vale se trancou assim que passei por ela, além de todas as outras continuarem inacessíveis, logo minha única alternativa era retornar ao meu quarto envelhecido. Ao entrar nele, senti um sono súbito então deitei e apaguei.

Assim que acordei no meu quarto, no de verdade, resolvi anotar tudo que eu lembrava do sonho, no entanto as palavras que estavam nos dois papéis eram tão estranhas que eu mal lembrava como as escreviam, e mesmo que não significasse muito, talvez fossem mensagens importantes. Depois fui viver minha vida, agora ansioso e empolgado para dormir.

De noite eu esperava voltar a sonhar com o tal lugar misterioso e, ainda que animado, adormeci sem problemas. Abrindo os olhos, eu sorri, sabia que estava naquele sonho doido. Levantando da cama, me assustei com um amontoado de baratas em que quase pisei. Espalhadas, elas se enfiaram nos buracos e

frestas do quarto envelhecido. Foi quando notei outros vermes como centopéias e larvas vivendo pelo quarto.

Saindo daquele lugar nojento vi a primeira porta à direita aberta e passei por ela.

Em contraponto ao paraíso na porta em frente, aqui dentro o céu era completamente escuro, contudo não como a noite, como um vazio. Era uma pequena vila parecida com um cemitério, cheio de sepulcros que eram como casas, com janelas e portas abertas, feitos de carne e partes humanas, além de túmulos desenterrados. Sentia um fedor terrível de carne podre, ouvia sussurros e sempre notava silhuetas me observando dos sepulcros e de dentro das covas pela minha visão periférica, porém sempre que olhava não havia nada.

Lá não era nada confortável, era autofóbico e enervante, contudo levei em conta a réplica do meu quarto e o paraíso da primeira porta à esquerda e imaginei que ali também teria um papel, então decidi procurá-lo.

Diferente das duas vezes que encontrei os papéis, esse estava pior localizado, dentro de uma macabra e fedorenta capela no centro. Lá dentro, debaixo do púlpito em cima do altar havia uma cripta e entre as ossadas, ainda sujas de carne podre e sangue, estava o papel em uma mão fechada. Assim que encostei nele, a ossada se desestabilizou e eu o puxei com força no susto, me jogando para trás. A ossada desabou em um buraco mais fundo numa escuridão abissal, mas eu me salvei com o papel. Bom, pelo preço de rasgar meu antebraço em um pedaço pontiagudo de osso, no processo de arrancar o papel de lá. Lendo, dessa vez a frase era: "odor sanguinis tui sequitur"

Parei por um momento e lembrei que era tudo um sonho. Como eu sentia tão vivamente o sangue escorrer, a ardência do corte, a dor indescritível? Como? Ficou tudo mais assustador depois desse choque, então corri daquele cemitério, que se trancou assim que saí, como o paraíso, e, no corredor, ouvi na porta ao lado, a segunda da direita, um barulho. De repente, algo bateu forte nela. Lá de dentro alguma coisa tentava arrombar a porta, que cedia aos poucos, derrubando lascas de madeira da porta. Eu fugi para a réplica do meu quarto, fiz questão de fechar a porta imunda e me joguei na cama podre, tentando não me preocupar com os vermes que infestavam o quarto. E dormi.

Acordado, meu antebraço ainda sangrava com um corte. Eu revirei minha cama à procura do que poderia ter me cortado enquanto eu dormia. Não era possível. Era tudo um sonho, né? Um pesadelo, sei lá. Contudo não tinha como ser tão real assim.

Naquela noite, não fiz questão de dormir cedo. Me mantive acordado e distraído até o sono vencer. No fundo, sabia que uma hora ou outra ele venceria. E, novamente, acordei naquele quarto, agora úmido e ensanguentado com poças de água suja formadas das goteiras do teto e vazamento das rachaduras, além do sangue por todo lugar. Podre e ainda infestado de vermes.

Dessa vez a segunda porta da esquerda estava aberta, a porta ao lado do paraíso, em frente à porta que no último sonho estava sendo despedaçada por algo querendo sair. Só que essa porta, da direita ao lado do cemitério, estava intacta, sem nenhum arranhão ou lasca faltando, anormalmente diferente da noite anterior.

Passando pela porta aberta fiquei mais tranquilo pois era a mais calma e a menor, sendo somente um pequeno cômodo branco e vazio, com apenas um pedestal no meio e uma caixa transparente em cima dele.

Dentro da caixa vi o papel lá no fundo, sendo a única forma de pegar ele um pequeno buraco, um túnel para uma mão repleto de arame farpado. Cheguei a pensar que podia pegar sem me ferir, todavia à medida que minha mão entrava o arame se contraia, ficando cada vez mais estreito, impossível de chegar no papel sem que minha mão estivesse completamente abraçada, presa no arame. Então lembrei do meu corte nos ossos, que não se limitou ao sonho, e desisti da ideia estúpida.

Cheguei a pensar em tirar a caixa dali, talvez, se sacudisse ela, pudesse fazer o papel cair, porém ao tentar pegar ela, era como se ela pesasse toneladas. Tentei quebrá-la, só que também era impossível. Ficou óbvio que não daria pra burlar um sistema num sonho feito para me torturar e por mais importante que o papel parecesse ser, eu não iria me cortar todo apenas para pegar ele, então fui embora.

Diferente das outras vezes, a porta não se fechou assim que voltei por ela, eu ignorei isso e entrei no quarto podre e ensanguentado. Caso eu dormisse as coisas poderiam mudar, talvez uma das outras portas se abrisse. Deitado, eu esperei... esperei... esperei. Horas se passaram e eu não conseguia dormir de forma alguma.

Voltei à sala branca e tentei fechar a porta, porém foi inútil pois mesmo fechada ela continuava destrancada. Tentei entrar em outra sala, mas todas permaneciam trancadas. Outra vez eu perdi a noção do tempo que havia ficado ali, talvez um dia, ou talvez dois, sei que não importava o tempo que passasse, eu não sentia sono, fome, sede. Aquele pesadelo não acabava de maneira nenhuma e eu me vi sem opção. Precisava pegar aquele papel.

Fui até a caixa, posicionei minha mão esquerda no buraco, por ser destro, e respirei fundo antes de ter coragem de colocar a mão na caixa. Mal havia colocado a mão dentro quando senti as pontas enferrujadas do arame mordendo o meu braço como um cão. Comecei a ser dilacerado por cima, por baixo e pelos lados. Gritei de dor enquanto o túnel de arame, cada vez mais apertado, comia minha carne. Era mais fundo do que parecia e eu perdi a voz. A sala que antes era branca assumia a cor vermelha. Era o meu sangue.

Quando eu finalmente alcancei o papel escutei aquele barulho de novo. Algo tentava furiosamente sair daquela mesma sala de ontem. Aterrorizado, puxei o papel agressivamente, deixando minha mão em carne viva. Meu braço enfraquecia se abrindo e por mais dor que sentisse, minha vida corria perigo com o que quer que estivesse preso na outra porta. Saindo da sala, que se trancou, me deparei com uma criatura grotesca. Além de chifres na cabeça, sua face era enrolada por um pano sujo de sangue, a região de sua boca era molhada como se estivesse babando, seu corpo era forte e bestial, mesmo que lembrasse um humano, suas mãos possuíam garras e seus pés eram cascos. Ele parecia ser cego, pois não me atacou diretamente, ao invés disso ficou olhando de um lado para o outro, farejando algo, até parecer me notar e rugir.

Ele me perseguiu como uma besta até o quarto e eu desistiria, não tinha para onde escapar, entretanto imaginei que se chegasse no quarto e conseguisse trancá-lo daria tempo de voltar à vida real antes de ser pego. Infelizmente, assim que entrei no quarto escorreguei numa poça e caí com tudo no chão.

Escutei ele se aproximar, olhei nos olhos daquilo e então fechei meus olhos esperando o fim, porém o barulho cessou. Abrindo os olhos o vi do lado de fora do quarto, completamente imóvel, apenas me encarando. Como se não pudesse entrar e me esperasse sair. Eu não pude pensar muito naquilo, a dor era horrível, então eu apenas fechei a porta, fui até a cama e mesmo com toda a dor dormi no momento em que deitei.

Finalmente acordado, eu não perdi tempo, corri rapidamente para fora de casa, onde chamei atenção de pessoas que ajudaram, me levando ao pronto socorro. Por sorte, cheguei a tempo de salvar minha mão e meu braço. Apesar de alguns pontos e de estar todo enfaixado, eu seria capaz de mexê-lo novamente. Precisei mentir para os médicos, para a polícia e até para o psicólogo, precisei provar que eu mesmo tinha feito aquilo comigo. Era a forma mais rápida e fácil de me livrar deles. Afinal ninguém poderia me ajudar.

Após as perguntas eu levei alta e pude ir para casa, o grande problema era saber que eu voltaria para aquele lugar. Eu sentia um nó na garganta só de imaginar aquele ser, só de pensar que ele poderia estar lá, e que quando eu chegasse ficaria preso. Tentei me manter acordado o máximo possível, e como um plano b eu me afastei o máximo possível do quarto, imaginei que se eu não dormisse no quarto ou ao menos na minha casa, eu não acordaria lá, então aluguei um pequeno quarto de hotel fora da cidade. Uma pena, pois foi só não aguentar mais e acabar dormindo que acordei naquele maldito quarto de novo. Dessa vez o quarto estava muito escuro ainda ensanguentado, podre, só que com todos os vermes mortos, e agora pouco iluminado pelas fendas nas paredes, teto e chão que se abriram mais, emitindo uma energia escura, em tons de preto e roxo, como olhos.

Fui receoso até o corredor, pela lógica agora era a vez da porta daquela coisa estar aberta e eu precisaria enfrentar o medo para estar livre de lá.

Eu lembrei do papel que havia pego na última sala, coloquei a mão no bolso à procura dele, porém não estava mais lá, nem ele, nem os outros que eu já havia pego. Pelo jeito dormir os fazia sumir. Continuei pelo corredor até a porta, que o monstro destruiu para sair, agora intacta, e todo meu sangue que havia caído lá, havia sumido. Lentamente abri a porta, só de imaginar que aquilo pudesse estar ali, meu corpo já se arrepiava.

Entrei e dessa vez era apenas uma casa antiga com uma péssima iluminação, bem mais tranquila que a capela. Busquei por qualquer indício do maldito papel, até que escutei um barulho, passos se aproximando então rapidamente me escondi atrás de um sofá e espreitei para ver o que se aproximava. Logo eu o vi, o maldito ser que havia me atacado na noite anterior. Ele perambulava pela casa farejando por algo, contudo de repente parou e permaneceu imóvel, me encurralando.

Fiquei bastante tempo escondido esperando aquela coisa sair dali, todavia ela não se movia nem

sequer um centímetro. Finalmente tive coragem e lentamente me afastei, tentando controlar a respiração, tudo para evitar barulho, até que infelizmente pisei em uma tábua de madeira solta que rangeu. Não tinha o que fazer para escapar, estava encurralado. Entretanto, o ser não reagiu. Aliviado, voltei a procurar pelo papel, sabia que era a única chance de ir embora.

Depois de não achar nada por toda a casa, restou o porão. Abrindo a porta, senti o cheiro podre fortíssimo exalar lá de baixo e ao descer as escadas rangentes, apodrecidas, me deparei com inúmeros corpos, alguns decompostos, outros visivelmente recentes. Não tinha estômago fraco, mas isso não me impediu de precisar me esforçar para não vomitar. Encontrei o papel em cima de uma mesa. Dizia: "id est captionem"

Novamente as letras não faziam sentido, qual a relevância desses papéis? O que significava? Por mais importante que essas perguntas fossem, eu precisava sair dali, me livrar de vez daquela aberração. Só que eu falhei, meu erro foi a imprudência. Sabendo que só faltava chegar no meu quarto, me apressei pelas escadas, até que afundei nos últimos degraus que me levaram de volta lá para baixo, deixando minha perna ferida. Sangrando.

Escutei barulhos lá de cima, meu corpo se arrepiou, então eu lembrei da capela e da sala branca. Essa besta só começava a me perseguir quando eu sangrava. E agora ele estava comigo no porão. Sem pensar muito fiquei frente a frente com ele e tentei ultrapassá-lo. Assim que me abaixei pela sua esquerda senti suas garras rasgando minhas costas e subi as escadas. A fera não ficou para trás e assim que pulei os degraus quebrados ela agarrou meu pé e me puxou. Debaixo do pano babado vi presas de uma orelha à outra como de um tubarão e ele abocanhou minha perna. Antes que eu pudesse ser levado de volta ao porão, usei minha perna solta para chutá-lo, o empurrando para o vão quebrado, fazendo-o despencar pelos degraus no terceiro chute. Corri mancando até o quarto e me deitei.

Novamente tive que ir depressa para o hospital, só que dessa vez estava claro que não havia sido eu o causador dos ferimentos. Sem provas contra nem à favor, fiquei preso no hospital, quase sendo transferido para um hospício. Quem dera esse fosse o pior dos meus problemas. Foi só eu dormir que eu estava novamente no quarto, agora a única iluminação eram das fendas negras e roxas, porém agora havia uma espécie de veias, tubos pulsantes que iam de uma fenda a outra, além de enormes galhos de carne saindo das fendas como garras, exalando poeira negra e roxa. Fui para fora e vi a porta no final do corredor entreaberta. Era só passar por ela que eu estaria livre.

Conforme eu caminhava até a porta a felicidade se misturava com o medo. Eu finalmente me libertaria daquele pesadelo, mas o que teria que enfrentar? O que encontraria atrás da última porta?

Com coração acelerado segurei a maçaneta, empurrei a porta e ao entrar na sala eu estava de volta ao quarto do hospital, eu sorri animado, finalmente estava de volta, eu havia finalmente havia saído daquele maldito lugar, eu precisava comemorar, precisava beber, então caminhei até a porta, mas quando fui tentar sair estava trancada, o que era estranho, pois eu não lembrava de terem trancado, então procurando alguma chave achei um papel escrito: "nos coepi totus super iterum."

VOZ DA MORTE

Em um dia chuvoso, sentada debaixo de um salgueiro no parque onde jovens da minha idade se encontravam, ouvindo música com meus fones, avistei um grupinho de crianças se balançando num pneu amarrado na corda em uma árvore à beira do rio. As águas estavam agitadas e uma menina brincava se balançando alegre e despreocupada, deixando o balanço levá-la por cima do rio, então ouvi um barulho estranho no meu fone, bem ao fundo da música. Tocava uma música que sempre ouvia, com certeza era problema com o fone. Tentei prestar atenção no ruído e ele começou a parecer uma sutil voz velha no meu ouvido: "Assim... que ela tentar voltar... vai prender o pé... cairá no rio... eu a buscarei..."

Foi uma voz tão real e convicta que fez meu coração acelerar, estava frio, mas não o suficiente para a grama molhada ao meu redor congelar. Eu olhei para a menina sorridente no balanço que cobraria sua vida e o grupinho se dispersou deixando-a sozinha. Ela parecia procurar alguém pois não tinha quem segurasse o pneu para ela descer em segurança na margem. Ainda sem muita certeza de nada, me levantei pedindo à um garoto para ajudá-la, porém, da maneira que ouvi, a menina tentou saltar e seu pé agarrou no pneu, que a puxou para o rio, sem ter onde se segurar. Senti um frio na barriga, de fato ouvi uma premonição de morte. Em instantes, o rapaz que conversei se apressou para segurá-la e a garota foi puxada para longe do rio, onde ficou segura. Eu tinha acabado de evitar uma morte e ninguém saberia.

Ainda estava sem conseguir reagir, fiquei apenas observando a menina do salgueiro onde estava. Ela não pareceu ter se assustado muito, limpou os joelhos e continuou brincando na beira do rio, o que me deixou apreensiva. Me aproximei sem esbanjar nenhuma preocupação ou interesse, apenas para poder agir, caso o pior acontecesse.

Ela ficava pulando de um lado para o outro bem perto do rio, dava pra ver a terra deslizando para a forte correnteza. Eu não suportei a ansiedade e falei para ela sair de lá, porém a menina me ignorou, ficando acanhada e sem graça com a minha presença, ainda bem próxima do rio selvagem.

"Ei, criança, já falei pra você sair daí!"

Com um tom mais firme, continuei sendo ignorada, mas dessa vez espantei ela de lá.

Continuei nervosa vendo que agora ela estava na velha ponte, bem acima do rio, que estava mais agressivo ainda. Indo falar com ela, a encontrei cabisbaixa no corrimão da ponte.

"Ei, garota, melhor você ir embora."

"Me deixa. Eu só tô brincando." Disse ela de cabeça baixa em um tom tímido e amedrontado.

Ouvia a tábua debaixo do seu pé ranger mais que o normal, então insisti.

"Se você não for para casa, vai ter problemas comigo. Estou te avisando."

A menina não se moveu apenas começou a chorar enquanto eu notava que a tábua entortava afundando, quase cedendo. Segurei no braço dela e ela se manteve no lugar me obrigando a usar a força para tirá-la da ponte. Ela berrou, chamando a atenção de todo mundo ali enquanto eu a arrastava para

fora do alcance do perigo. Não demorou para algumas pessoas se aproximarem indagando o porquê ela chorava e é óbvio que a menina contou que eu comecei a implicar com ela de repente. Tentei falar que ela estava em lugares perigosos, mas nenhum dos adolescentes acatou meu raciocínio.

Estava muito sobrecarregada com o choro da criança, as acusações do público e tudo o que vi e ouvi, então larguei a criança e fui embora. Atravessei a ponte e então meu pé afundou. A ponte se partia. Tentei me soltar, porém a madeira se enfiava no meu tornozelo e me machucava cada vez que eu puxava.

As tábuas em que eu estava caída cederam e eu caí de cabeça para baixo ainda pendurada pelo pé, que torceu com minha queda e ficou completamente dilacerado. A água do rio violentamente batia no meu rosto arrancando de mim todo o meu fôlego e de repente eu estava sendo levada pelo rio e, mesmo sem o fone, eu ouvi aquela voz velha, porém agora mais clara: "Não era você... mas aconteceu da forma que te falei".

ESSE QUARTO NÃO EXISTE

Como um dos calouros, na universidade tive que passar por uma iniciação que no fim me levou a ficar totalmente bêbado em uma festa de comemoração. Mesmo caído, quase inconsciente, eu conseguia lembrar dos outros calouros sendo envergonhados pelos veteranos que riam tirando fotos e gravando vídeos enquanto os incentivavam a fazerem coisas cada vez mais loucas e vergonhosas. Talvez tenham me deixado de lado porque eu não era uma atração tão envolvente quanto os outros, ou porque me zoariam depois por não ter aguentado nem ficar de pé.

Minhas últimas lembranças antes de apagar de vez foram de uma menina me tirando da festa e me ajudando a chegar no meu dormitório. Lembro dela deixar um bilhete na escrivaninha antes de ir embora, daí eu apaguei. Assim que acordei, depois de sobreviver à ressaca, eu li o bilhete:

"O perfeito é o seu guia. Ele não acaba, não muda e quase nunca erra.

Venha antes do imperfeito perder seu lugar no relógio.

A metade é a altura certa.

O dia é o imperfeito com a metade, o impostor. A porta é o perfeito com o imperfeito, que chamam de azar.

O perfeito é a quantidade de batidas para a porta se abrir.

Faça tudo como o primeiro, sozinho, se não o antecessor dele será sua chance de me encontrar.

Caso tente, não acerte e te percebam, você estará tão sozinho quanto o vizinho do primeiro."

A garota me deixou uma charada para encontrá-la e apesar de não ser bom com números eu gostava de enigmas, então logo desenvolvi as respostas. Se sete, o número perfeito, é o ponto de referência, tinha que ir antes das seis, o quase perfeito. Fez mais sentido ser pela madrugada, antes das seis da manhã, assim ninguém nos impediria de nada. Se metade é o andar não teria como ser metade de sete, então obviamente era metade do imperfeito, terceiro andar.

O dia seria seis, o imperfeito, mais três, a metade, nove, que é um impostor pois pode se disfarçar de seis, daí imaginei dois cenários sobre o dia certo: ou era uma data e teria que esperar até o dia nove do mês que vem para visitar a garota, sendo que era dia quinze, ou era dia de semana, só que não existe um nono dia semanal. Se ele é um impostor, então era uma sexta-feira.

O quarto era o treze, eu teria que ir sozinho pois se tivesse companhia ela não me deixaria entrar. Precisava bater na porta sete vezes para ela saber que sou eu e caso eu errasse a porta seria pego pela assistente residencial. Não era como se eu não pudesse encontrá-la pelo campus qualquer momento desses, porém talvez eu só conseguiria algo com ela seguindo essas regras doidas.

Esperei ansioso pela sexta e depois da última aula do dia esperei dar meia noite, entrei no prédio residencial feminino e subi até o terceiro andar. Os problemas começaram quando eu notei que o dormitório número treze estava andares abaixo, mas decidi arriscar no número trinta e um. Bati duas vezes, tentando não fazer muito barulho, já que a primeira batida foi um estrondo capaz de ser ouvido

no corredor inteiro. Nada aconteceu. Tomei coragem e bati uma... duas... três... na quarta batida ouvi barulhos em outro dormitório e hesitei por um instante, mas logo continuei, até o fim. Depois das sete vezes as luzes do corredor piscaram, então acenderam muito forte e apagaram, daí ouvi alguém subindo os degraus do corredor debaixo e me escondi na sala da lixeira. Esperei bastante tempo, o suficiente para refletir. Era uma pegadinha por eu não ter sido zoado na festa. Depois que senti estar seguro levantei a tampa da lixeira e em meio a escuridão eu vi uma silhueta e congelei.

"Esse quarto não existe."

Eu me arrepiei, a lâmpada piscou e estourou, a silhueta sumiu então caí com a lixeira tentando fugir e corri desesperado para fora. Foi um milagre ninguém ter me pego lá. Sabia que seria zoado o ano inteiro por isso, entretanto a pegadinha foi tão bem produzida que eu estava mais feliz pelo alívio de ter sido só um susto e fui dormir.

"Esse quarto existe sim."

Sussurraram no meu ouvido e eu acordei dando um pulo da cama olhando assustado para meus dois colegas de quarto que se olharam e riram.

"Ha, ha, muito engraçado!" disse irritado com a brincadeira "Pelo menos não fiz papel de idiota na festa!"

Eles me perguntaram se enlouqueci, contudo como estava com pouca paciência pedi que me mostrassem logo o vídeo para ver se era tão humilhante quanto imaginava. Os rapazes estranharam, disseram que eu já tinha assistido mil vezes aquilo e que eu fui o menos zoado. Falavam do vídeo da festa e aparentemente não queriam contar do meu vídeo nos dormitórios femininos, então me arrumei ranzinza e fui para a aula sem falar com eles. Já esperava algum veterano mostrar o vídeo no meio de outros alunos, para me zoar, porém isso não aconteceu. O dia passou e nada da madrugada passada foi comentado, então eu fiquei mais assustado e preferi deixar essa história pra lá, fingir que nada aconteceu.

Na madrugada seguinte, acordei em aflição, senti uma obsessão para encontrar aquele quarto e, ao mesmo tempo, um certo desespero, como se eu estivesse em perigo. Levantei para ir ao banheiro, então travei, diante da porta entreaberta. Aquela silhueta, agora mais visível, estava de cabeça para baixo, era magro como um esqueleto ainda assim carnudo e avermelhado, como se sua carne tivesse sido desfigurada, sua boca tinha dentes nas laterais e se abria até o peitoral. Além da bocarra consegui distinguir dois profundos buracos escuros, seus olhos. Paralisado de medo, chamei pelo nome do meu amigo, mas não tive resposta, então o ser colocou o dedo entre seus olhos em sinal de silêncio e eu reagi. Fechei a porta com força e corri até a cama do meu amigo mais próximo, encontrando-a vazia. Desesperado, só pensei em fugir de lá em busca de ajuda, qualquer companhia, nem passou pela minha cabeça ser uma pegadinha, porém na porta que levava ao corredor estava aquela coisa, ainda me espreitando em silêncio.

Arrepiado eu me deitei na cama e me cobri, esperando algum milagre me salvar. A porta se abriu e eu ouvi algo rastejando pelo carpete até minha cama e o colchão afundou levemente do meu lado. Eu não estava mais sozinho na cama.

Nunca fiquei tão suado, era como se sentisse o respirar da morte no meu pescoço, qualquer movimento poderia significar meu fim. Fiquei quase duas horas até ter coragem de sair dali. Meus amigos estavam em suas camas e tudo tinha voltado ao normal.

Durante o dia, sempre que tentava contar tudo à alguém eu era impedido por um temor muito grande lembrando de que se eu não fosse o único nessa, se mais alguém soubesse, não teria chances de acabar com isso. Tentei procurar pela garota que me colocou nesse pesadelo, mas não havia resquícios de que ela existisse. Tentei ir no mesmo quarto do enigma só que pela tarde e encontrei uma estudante qualquer lá. Não tive muito o que falar e acabou que não tive conclusão alguma. Assim que ia embora vi dentro do seu quarto a porta do armário entreaberta e aquele ser esquelético fazendo o sinal de silêncio para mim. Eu apontei, tentando chamar a atenção da garota para aquele ser, contudo a porta do armário se fechou. Sem pensar direito, eu invadi o quarto e abri o armário para encontrar apenas roupas. A garota me expulsou dizendo que me denunciaria para a assistente residencial, entretanto eu estava tão chocado que fui para o meu quarto sem me importar.

À beira da loucura fui ao banheiro e encontrei escrito no espelho: «Esse quarto existe». Mostrei aos meus amigos, só que não pude levar a conversa para frente pois vi a criatura me observando de fora, espreitando como sempre, então travei sentindo dores nos meus pulmões sempre que tentava falar algo sobre o quarto. Eu chorei e pedi para eles deixarem para lá e mesmo tentando me amparar para saber o que estava rolando, os convenci a me deixarem na minha. Logo caí no sono e outra vez acordei na madrugada, no mesmo horário da última vez, com aquele ser bizarro me vigiando por algum tempo antes de sumir. Pela manhã me levantei e encontrei escrito no espelho do banheiro, agora arranhado: «Esse quarto não existe».

Não podia conviver com isso, tinha que encontrar o quarto e acabar com isso.

Depois de meia noite segui para o prédio residencial feminino e assim que ia subir as escadas ouvi o ranger de uma porta abrindo. Olhei para trás e vi aquilo me espreitando de novo. Me apressei até o terceiro andar e ouvi um grunhido. Ele sabia que eu estava tentando encontrar o quarto e agora eu precisava me apressar. Fui até o trinta e um e bati sete vezes. Nada aconteceu. Bati de novo e as luzes piscaram, mas nada aconteceu. Bati desesperadamente e então houve um silêncio. A porta atrás de mim se abriu e eu vi a criatura com uma cauda na metade de baixo do corpo, como uma cobra, aquela bocarra anormal e seus escuros olhos como buracos profundos. Antes que ele desse seu bote eu girei a maçaneta e entrei no quarto com o abrir da porta, que fechei na cara do perseguidor.

O quarto que eu estava não era o mesmo da garota do dia anterior. Era feito de carne. Não parecia que tinha acabado, não parecia que tinha funcionado. Talvez algo tivesse dado errado. Eu pensei: "Se sete não for o número perfeito?"

E a porta atrás de mim se abriu.

A FORMA DO MEDO

Eu odiava o lugar onde trabalhava, mesmo sendo um serviço simples e pagando bem. Era do turno da noite e sempre que eu precisava pegar o carro no estacionamento o encontrava quase sempre vazio. Andar por lá sozinho era bastante assustador, era como se sempre tivesse alguém, ou melhor, algo me observando.

Por medo de passar mais tempo que o necessário perambulando pelo estacionamento, sempre chegava no trabalho mais cedo, pois dessa forma eu conseguia estacionar o carro perto do elevador, assim eu economizava tempo e saía daquele lugar o mais rápido possível. Contudo teve um dia em que não escutei o despertador e acordei atrasado. Corri de casa na tentativa de não chegar tão tarde no trabalho.

Entrando naquele maldito estacionamento o encontrei lotado, quase todas as vagas já estavam ocupadas sobrando apenas as mais longes possíveis do elevador, o que já me deixou apreensivo. Só de imaginar precisar andar por todo aquele caminho sentia um pânico anormal. A minha situação piorou quando eu subi para meu escritório. Chegando em minha mesa meu chefe me chamou na sala dele. Ele ficou furioso com o meu atraso, perdi quase metade do dia de trabalho, porém ele considerou que eu sempre chegava mais cedo e relevou com a condição de que eu fizesse hora extra para compensar o tempo perdido.

Já havia passado das uma da manhã quando finalmente meu horário acabou, eu olhei em volta e o prédio estava vazio. Caminhei até o elevador e fui para o subsolo. No estacionamento havia somente uns três carros, provavelmente pertencendo aos seguranças. Tentei ir para meu carro caminhando o mais rápido que eu podia e quando estava prestes a chegar no veículo as luzes de todo estacionamento se apagaram. Me sentei no chão abraçando meu próprio corpo, tremendo, suando e com o coração disparado já imaginando o pior cenário possível, então a luz voltou.

Eu me levantei rindo, fiquei com tanto medo de uma simples queda de luz. Até agradeci por estar sozinho, por ninguém ver a vergonha que eu passei. Chegando no carro, assim que ia abri-lo notei algo estranho no meu reflexo na janela. Meu rosto estava meio esquelético? Me aproximei da janela intrigado e percebi que não tinha nada de errado com meu rosto, algo estava dentro do meu carro. Me afastei cambaleando, não tinha certeza se estava imaginando coisas de tanto medo ou eu realmente estava em perigo.

Eu andei sem reação de volta na direção do elevador, então ouvi a porta do meu carro se abrindo, as luzes piscavam e eu olhei para trás, torcendo para estar paranóico, porém eu vi um humanóide magrelo com cerca de dois metros. Partes do seu corpo estavam em carne viva, exalando uma fumaça negra e onde havia pele era negro. Vestia trapos ensanguentados e correntes nos pés. Seu rosto mantinha uma expressão anormal de pânico, com uma enorme boca e olhos profundamente escuros, mas ele não estava com medo nenhum.

Com o meu grito de pavor ele disparou na minha direção grunhindo e saltou em cima de mim me

derrubando no chão. Cobri meu rosto com meus braços para me defender e senti eles serem mutilados, pedaços sendo arrancados e então muitos dentes arrancando parte da minha perna. O monstro me arremessou para longe e após grunhir emitindo sons desconcertantes as luzes do estacionamento queimaram de vez.

Estirado no chão, eu vi a luz dos botões do elevador então me arrastei até lá. Eu ouvi correntes de um lado para o outro buscando por mim. Minha perna esquerda e meus braços derramavam muito sangue, caso eu chegasse ao primeiro andar talvez o segurança poderia me levar ao hospital à tempo.

O elevador se abriu e eu vi o tamanho da mordida na minha perna, quase como um tubarão. Faltavam dedos nas minhas mãos e até meus ossos visíveis estavam com pedaços faltando. Acertei o botão do elevador com os pedaços pendurados da minha mão para o primeiro andar e por mais que já estivesse tonto, acreditando que morreria por perda de sangue antes do elevador subir, pelo menos não sofreria mais nas mãos daquilo e quando o segurança encontrasse meu corpo saberia que esse estacionamento é maldito.

Conforme eu via a porta se fechar eu suspirava aliviado, fechando meus olhos para descansar. Então ouvi grunhidos e correntes, a porta parecia ser forçada a abrir. Uma última vez eu olhei nos olhos daquela coisa, em meio a escuridão. Seu rosto de desespero parecia uma sátira com o meu, então eu sorri, imaginando que aqueles grunhidos soavam como gargalhadas na mente dele. Daí ele me levou de volta para as fontes do meu medo, aquele simples estacionamento.

MEU PRIMEIRO ENCONTRO

Nunca fui muito sociável, para ser sincero eu era bastante tímido, mal conseguia conversar com uma garota e por conta disso nunca tive uma namorada. Depois da maioridade, isso era algo que incomodava bastante.

Meus amigos me recomendaram um desses sites de namoro, disseram que como não seriam encontros presenciais eu poderia conversar normalmente. Fui contra, achei a ideia de aplicativo de namoro vergonhosa, porém quanto mais tempo eu passava sozinho mais ela me parecia interessante, até que eu cedi. Passei semanas sem conseguir arrumar ninguém, então de repente eu recebi uma curtida e uma mensagem que me deixaram bastante animado. Seu nome era Lily, tínhamos a mesma idade e combinávamos demais, o que nos rendeu horas de conversa.

Dias se passaram e nós acabamos nos interessando de verdade um pelo outro, contudo havia um problema, ambos éramos tímidos e medrosos demais para marcar um encontro na vida real, por isso nem sequer compartilhamos nossos endereços. Decidimos namorar virtualmente, dessa forma uma hora teríamos coragem de nos encontrarmos pessoalmente.

Ficamos namorando por meses, eu a amava, ela era simplesmente perfeita. Até perdi o medo de encontrá-la, entretanto ela me disse que ainda não estava pronta. Respeitei a decisão dela, afinal sabia como era o medo de conversar com alguém que você gostava. Já que ela não estava pronta eu esperaria até o momento certo, então mandei meu endereço, dizendo que ela poderia me visitar assim que se sentisse pronta.

Passamos bastante tempo juntos, horas sem parar todos os dias, conversando sobre tudo, seja por mensagens ou por ligações. Tudo que me importava era estar perto dela. Eu sempre mandava para ela uma foto minha antes de sair e ela sempre me elogiava, dizendo que eu estava lindo e comentava sobre a roupa que eu estava usando na foto.

Um dia eu cheguei em casa, a fechadura da minha porta estava toda arranhada, como se alguém tivesse tentado invadir a casa. Entrei desesperadamente achando que fui roubado, porém estava tudo no lugar, nada havia sumido, nem mesmo meu dinheiro que eu havia deixado em cima da mesa do quarto. Cheguei a chamar a polícia, eles porém não agiram, disseram que como nada foi roubado não podiam tomar nenhuma medida. Infelizmente eu tive que aceitar.

Após esse dia as coisas em minha casa começaram a ficar estranhas, escutava barulhos a noite, às vezes encontrava coisas em locais que eu sabia que não havia colocado. Contei para Lily, só que ela disse que talvez eu estivesse imaginando coisas por causa do choque e do medo que levei. Apesar de tudo de ruim que aconteceu, ainda teve uma coisa boa, Lily começou a ser mais próxima de mim. Me elogiava bem mais do que antes, sempre comentava sobre a gente estar junto, e que logo iria aparecer para estar comigo.

Dias se passaram e meus amigos me convidaram para uma festa, eu então avisei à Lily, enviando

apenas uma mensagem sem foto: "Amor, estou indo para uma festa com uns amigos, voltarei tarde. Tchau, te amo."

Na festa por insistência dos meus amigos eu acabei conversando com uma garota lá, apesar de eu não ligar muito para ela, afinal eu amava a Lily. Para minha surpresa eu conversei normalmente e não apenas isso, fui interessante o bastante para ela me beijar e pedir para ir para casa comigo. Eu pensei em negar por consideração a Lily, mas até hoje ela nem sequer havia me contado onde morava, talvez ela estivesse só brincando comigo. Não podia desperdiçar uma oportunidade dessas. Com esse pensamento acabei levando a garota para minha casa e dormi com ela.

No dia seguinte eu acordei e vi que a garota havia sumido, imaginei que ela tinha ido embora quando acordou. Talvez arrependida de ter ficado comigo. Ignorei isso e peguei meu celular, com várias mensagens de Lily.

"Amor, não vai com essa camisa azul, ela não está combinando."

"Amor, você está demorando."

"Quanto tempo você pensa em ficar nessa festa?"

"Não acredito que você fez isso comigo..."

Por um momento imaginei que ela sabia que eu havia dormido com outra, contudo isso era impossível. Talvez ela estivesse só com raiva de eu ter ficado tanto tempo sem falar com ela. Fiquei tão focado na última mensagem dela que nem notei a mais importante: Como ela sabia que eu estava usando uma blusa azul se dessa vez eu não mandei foto?

Após esse dia a Lily mudou completamente comigo, ficou mais fria, raramente falava comigo, mesmo quando eu fazia de tudo para puxar assunto. Tentei de tudo para consertar meu erro, no entanto ela não mudou, então eu me irritei, odiei tal atitude dela só por ter demorado para responder. Avisei a ela que sairia e mesmo assim ela brigou comigo. Com tanta raiva acabei falando muita merda. Após meu desabafo recebi somente uma mensagem dela: "Você é meu."

Eu imaginei que isso era uma demonstração de amor dela, que era uma forma de dizer que estávamos bem, porém daí em diante fui ignorado completamente por ela que não respondia mais nenhuma mensagem.

Dias se passaram, ela continuava me ignorando e na minha casa um cheiro insuportável tomou meu quarto que eu não sabia a origem. Até que em uma madrugada, enquanto era impedido de dormir por causa desse maldito cheiro, eu decidi caçá-lo. Comecei a tirar as coisas do lugar, o colchão, a cama, até que puxei a escrivaninha, imaginando que algum rato tinha ficado preso atrás dele e acabou morrendo.

O que encontrei me deu calafrios. Havia um enorme buraco na parede do meu quarto, cheio de garrafas d'água vazia, pacotes de biscoito e mais à fundo a origem do cheiro: A garota que eu havia conhecido na festa estava em decomposição toda perfurada no canto da parede. Quase vomitei ao ver aquela cena e em desespero eu peguei meu celular para chamar a polícia, quando eu recebi uma

mensagem de Lily: "Você achou minha casa, agora finalmente podemos nos encontrar pessoalmente."

Ao ler aquela mensagem eu comecei a tremer de medo enquanto largava o celular e pensava. Para ela saber que eu achei aquele buraco ela teria que estar me vendo.

Foi quando me virei para trás e vi a porta do guarda roupa entreaberta, onde enxerguei os olhos delas.

DISTRITO DA DOR

No fim da madrugada, eu estava no ponto de ônibus. Havia acabado de sair da balada e meu celular estava descarregado. Era um dia frio, estava tudo enevoado, além de que não aparecia um ser vivo e eu ainda não tinha avistado nenhum veículo na pista.

Depois de esperar bastante um ônibus muito velho, aos pedaços, surgiu indo na contramão e abriu as portas diante de mim. Tentei falar com o motorista que não pegaria aquele, só que fui ignorado e ele continuou me esperando para subir. Então os passageiros começaram a me vaiar, pedindo para entrar logo e assustado eu corri dali.

Depois vi ao longe outro ônibus, esse um contraste do anterior, além de ir no caminho de casa era limpo e convidativo. Fiz sinal antecipadamente e mesmo assim ele passou reto. Depois de tanto praguejar a motorista notei que estava sem minha carteira, mesmo se o ônibus parasse não teria como pagá-lo. Eu voltei correndo até a boate, desesperado. Tinha muito dinheiro naquela carteira.

A boate estava fechando àquela hora. Na porta tinha um amontoado de gente com policiais e no meio, de longe, eu vi um corpo no chão. Minha carteira estava nele, mas eu não precisava mais dela.

O ônibus novo, que ia na direção certa, não parava para mim de maneira alguma, apenas o velho, então esperei o novo reaparecer em alta velocidade, fui para o meio da pista e terminei a minha viagem.

O VIAJANTE DAS PROFUNDEZAS

Estudante acima da média e garota impopular fora do padrão que acabou de sair do ensino médio sem amigos, porém ingressou na faculdade dos sonhos, essa era eu. Como minha vida social não era tão ativa aprendi a gastar meu tempo com o que eu amava: o universo desconhecido. Podia passar horas observando as estrelas só imaginando quais coisas incríveis poderia encontrar lá. Com o tempo cresci e toda essa paixão foi convertida em investimentos no meu futuro. Queria ser astrofísica e agora na faculdade estava mais próxima dos meus sonhos. Mas ainda me sentia sozinha.

Nos dormitórios, na cantina, por qualquer lugar do campus, inclusive nas aulas eu logo notei olhares estranhos, cochichos e risadas, as zombarias que já estava acostumada a lidar desde pequena. Tentei ignorar, como sempre fiz, mas durante uma apresentação em aula esses "zombadores" me deixaram confusa. Diante do público, no meio da minha explicação, eu travei e não parava de gaguejar, então esse grupinho começou a me incentivar. Era algo básico, sobre a morte de estrelas, porém eu simplesmente congelei.

"Ei, amiga, respira!" me disse uma patricinha loira de olhos claros. "Calma, você dizia que depois que a estrela começa a produzir ferro ela morre porque...?"

"Ela mô-morre porque para produzir outros elementos a partir do ferro ela gasta mais energia do que tem..." Gaguejei, menos tensa. "...E, depois que essas estrelas morrem dão início à uma..."

"Ne-bu..." A loira mexeu os lábios sem dizer palavras e eu retomei meu raciocínio: "Nebulosa!"

No final, minha apresentação foi bem avaliada pelo professor e o grupinho ainda me aplaudiu. Podia dizer que foram sarcásticas, mas elas realmente me ajudaram e nem sequer fizeram qualquer comentário maldoso ou se gabaram por isso. Seguiria minha vida depois desse episódio, porém uma garota muito bonita para querer ser vista comigo sentou na mesa que eu estava sozinha na cantina se apresentando como Luna me perguntando se não agradeceria Stephanie por ter me ajudado na apresentação. Me armei logo e disse que não devia nada à ela, entendendo que queriam algo em troca por terem me ajudado, entretanto Luna me deixou sem graça.

"Eu e minhas amigas estamos tentando nos aproximar de você desde que chegamos aqui. Pensamos que você só era tímida, mas pelo visto só não quer ter amigos, me desculpe."

Luna saiu da minha mesa e se sentou com Stephanie e outras amigas. Assim que me olharam torto, eu saí da cantina chorando chateada comigo mesma por ter sido tão arrogante com a garota. Tinha acabado de estragar minha primeira e única oportunidade de fazer amigas. Nunca lidei bem com pessoas e ficava muito ansiosa quando interagir era responsabilidade minha, então comecei a tremer e tentando relaxar fui para o dormitório me enfiando debaixo do chuveiro quente.

Fechei os olhos enquanto a água escorria e de repente comecei a ficar tonta, entrando em transe. Senti que estava sendo abraçada, observada e então ouvi "Você deve me devolvê-lo."

Abri os olhos no susto e notei que a água que caia sobre mim era visivelmente esverdeada e caia

junto com terra preta. Sai cambaleando do choveiro, desnorteada, então era como se eu estivesse no meio do espaço e eu vi algo enorme, como um planeta no sistema solar igual a um olho. Ele era laranja e roxo, com uma mancha negra e no meio uma luz amarela. Não era um olho, não era um planeta, mas era algo vivo. Vivo demais para me conhecer e me querer para algum propósito. Daí eu apaguei. As únicas coisas que eu lembro são flashes de garotas me rodeando, estar coberta de terra e com algo verde no meu corpo que veio do chuveiro, meu corpo ardia e minha cabeça estava explodindo.

Quando acordei estava na cama de Stephanie, no dormitório que ela dividia com Luna. Elas explicaram terem ajudado a me limpar e como não sabiam onde era meu dormitório me levaram para lá. As interrompi para perguntar sobre a água suja, a terra que me cobria, então me contaram que fazia tempo que o campus sofria problemas nos encanamentos e aleatoriamente água e terra saíam por algum cano. Só tive o azar de não saber e fechar os olhos justamente debaixo do chuveiro premiado. Riram dizendo que não precisava me preocupar, que não era prejudicial à saúde caso eu tivesse decidido começar a tomar banho com água suja.

Agradeci e me levantei para ir embora, porém elas insistiram e acabaram me convencendo a ficar.

Estava muito retraída ainda lembrando do ocorrido no refeitório, entretanto as duas fizeram de tudo para me deixar à vontade enquanto me apresentavam ao dormitório, como se eu fosse uma amiga especial. Como todo o lugar tinha uma temática astronômica e estudávamos as mesmas coisas, imaginei que gostassem do espaço tanto quanto eu e me atrevi a perguntar dando início a uma conversa sobre o espaço, começamos a simpatizar e brincar. Preferi não contar sobre a febre e as alucinações que tive para não estragar o momento.

O tempo passou e eu não percebi, de repente já tinham até me convencido a dormir lá, contudo o que poderia ficar marcado na minha cabeça como minha primeira interação amigável com pessoas legais foi interrompido por um pesadelo com seres horrendos saindo daquele mesmo "olho" que vi antes e rodeando a Terra. Esses seres humanóides de uns doze metros flutuavam harmonicamente em uma dança, eram esguios, suas cabeças eram achatadas como uma âncora, tinham uma rachadura no meio do rosto, seus possíveis olhos, e não possuíam mandíbulas, apenas dentes como estalactites. Seus braços eram longos e sem articulação, totalmente flexíveis enquanto abaixo do peitoral seus pés eram comos estacas e permaneciam parados. Então acordei com fortes dores de cabeça com sons bizarros ecoando dentro de mim na madrugada. Levantei cambaleando de tontura até o banheiro, tentando encontrar algum remédio, foi quando acendi a luz que percebi o quanto minha visão estava embaçada. Abri a torneira para lavar os olhos, porém senti a terra escorrendo pelo meu rosto e logo me limpei com uma toalha. Minha visão começou a se ajeitar, me mediquei e decidi tomar um banho, dessa vez verificando bem se era água que sairia do chuveiro.

Relaxando na água notei que do ralo brotavam raízes manchadas de vermelho e logo saí do box para avisar às meninas, porém chegando no quarto nem Luna nem Stephanie estavam lá. Não tinha ideia de onde estariam às quatro da manhã. Eu voltei ao meu dormitório para aproveitar o restante de descanso

que poderia ter.

Pela tarde me encontrei com Stephanie, no refeitório, perguntando onde ela e Luna estavam de madrugada e avisei sobre as raízes avermelhadas saindo do ralo do banheiro. Entusiasmada, ela me pediu para fazer silêncio e contou que há um tempo estão preparando uma festa surpresa só para "a gente", já que só elas duas eram convidadas para as festas idiotas dos veteranos. Elas queriam se divertir com o grupo delas, não do topo da pirâmide social, e estavam empenhadas para isso.

Ela me levou para uma mesa e me apresentou ao seu grupo de amigos. Todos eram "deslocados", era como se ela e Luna resgatassem essas pessoas rejeitadas pela sociedade. Não entrava na minha cabeça que garotas no auge do padrão de beleza social estavam longe das panelinhas dos populares e juntas com a gente. Stephanie deixava todos confortáveis, como se visse algo em nós que não víamos.

Antes de sairmos do refeitório ela contou à todos que tínhamos uma festa para ir naquela madrugada. A notícia agradou uns, mas despertou a insegurança de outros. Com poucas palavras Stephanie trouxe confiança e segurança para essas pessoas. Depois ela me disse para esperá-la em seu dormitório, pois encontraria Luna para ajudá-la com os retoques finais da festa.

Chegando no quarto delas fui ao banheiro olhar novamente o que havia no ralo e estranhamente não encontrei nada. Sem que eu notasse, por trás, ouvi bem no pé do meu ouvido: "o que você tá olhando aí?"

Era Luna estranhando eu estática olhando pro ralo. Eu jurei que tinha visto um emaranhado de raízes avermelhadas, então ela me perguntou se eu estava realmente bem. Constrangida e sem saber o que falar acabei contando das dores de cabeça e dos sons agonizantes que ressoavam nos meus ouvidos, tanto no banheiro feminino quanto naquela madrugada. Luna sorriu e me abraçou dizendo que sabia que de alguma forma eu era especial, que eu era uma escolhida "de lá". Não tinha entendido direito, mas estava claro que ela teve as experiências que eu tive e, de alguma forma, encontrou um significado. Ela me disse que por mais que eu não entendesse as visões e as vozes elas começariam a fazer sentido e me guiariam para meu propósito. Ela pegou na minha mão.

"Você quer descobrir o que nos aguarda? O que está espreitando nos confins da escuridão?"

Calada, sem saber como lidar com a situação acenei e fui levada para fora dos dormitórios, até onde todo esgoto era despejado.

Diante do enorme túnel que levava aos esgotos do colégio, perguntei se ela não deveria estar com Stephanie ajudando na festa e Luna respondeu: "mas temos uma festa aí dentro". Foi assustador, mas fiquei curiosa até onde ela iria chegar com a brincadeira, então entrei com ela nos esgotos.

Cada vez mais fundo, tendo somente a limitada lanterna dela ao nosso favor, era possível ver as raízes estranhas cada vez maiores, mais grossas, com mais ramificações e gotejando o líquido vermelho que vi no ralo. Os túneis estavam cheios de terra escura e água esverdeada, só que foi apenas olhando na terra pedaços de ossos e na água verde corrente pedaços de carne que eu percebi o tamanho da loucura em que eu estava me metendo. Me afastei dela bruscamente em direção à saída e fui segurada pelo braço

com força. Disse que não tinha graça, porém Luna riu me puxando para a escuridão. Eu me debati e gritei, fazendo ela me soltar e derrubando sua lanterna.

Correndo, senti as fortes dores de cabeça e a gritaria do além nos meus ouvidos despertaram. Perdi o equilíbrio e caí na lama negra esverdeada, lutando para não desmaiar. Senti Luna me arrastar e tudo ficava cada vez mais escuro, até que em espasmos eu reagi, conseguindo me soltar e me arrastar até uma pilha de ossos soterrados na terra. Luna tentou me pegar, contudo eu resisti e com um pedaço de uma possível costela esfaqueei ela, desmaiando logo em seguida.

Acordei na completa escuridão, ouvindo passos ao longe, gemidos mórbidos e gritos ecoando pelos túneis. Estava com muito medo para me levantar, sentia o corpo frio de Luna em cima de mim, seu sangue meio seco gotejando sobre mim, então uma lanterna me encontrou.

"Luna?"

Era Stephanie, toda suja e com um semblante destruído. Eu me levantei e corri para abraçá-la, chorando muito, pedindo perdão pelo que aconteceu.

"O-o que aconteceu? Por isso ela não estava me ajudando a preparar a festa?"

Stephanie pegou na minha mão e começamos a correr de lá. As raízes pulsavam ferozmente, o líquido vermelho queimava e vaporizava, deixando o cheiro de sangue no ar. Então chegamos no centro dos túneis. Todo o grupo de amigos de Stephanie e Luna mutilados em agonia rodeavam uma espécie de ser ou casulo do tamanho de uma baleia, com braços balançando como labaredas e de vez em quando catando um aluno em transe ou outro para devorar, alimentando suas raízes entranhadas por todo os lugares, se satisfazendo com o sofrimento e sangue daquelas pessoas. Eu não lembro direito como aquele ser se parecia, não fazia sentido, não era como um monstro ou algo descritível, contudo era assombrosamente real.

Eu devia ter percebido, mas eu estava muito desesperada e intrigada para notar que o caminho que ela me levou não era para a saída. Só fui me dar conta quando, diante daquilo, Stephanie me disse: "Bem vinda à festa".

UM LUGAR SEM PROPÓSITOS

Eu e meus dois irmãos sempre encontramos formas de nos aventurar. O mais velho, Akin, era corajoso para enfrentar perigos e a caçula, Áster, harmônica para refletir e encontrar respostas. Eu sou lógico e caso o heroísmo de Akin não nos salvasse e a sabedoria de Áster não tivesse respostas, cabia à minha frieza tomar qualquer decisão útil. Ainda que fossem escolhas destrutivas, que ninguém quisesse tomar, eu teria que agir, me aproveitando da que trouxesse o menor dano possível.

Em uma semana chuvosa, enquanto acampávamos, passeamos pela floresta enlameada e úmida quando uma tempestade repentina nos acometeu. Logo encontrarmos uma cabana para nos abrigarmos. Ela estava tão simples e sozinha no meio do nada que era suspeita e misteriosa. Feita apenas de tijolos e concreto, com um telhado, sem pisos, apenas terra e lama, possuindo apenas quatro cômodos vazios.

A tempestade não passava e, quando menos percebemos, caímos no sono, sendo despertados apenas por um estrondo vindo do último cômodo. Um enorme pedaço da parede havia desmoronado para fora da cabana e um canto do chão parecia ter cedido por causa da chuva, revelando um lugar subterrâneo. Usei minha lanterna para iluminar o cômodo secreto e ele era vazio como os outros da superfície. Vendo um feixe de luz em um canto lá em baixo descemos para averiguar e estranhamente encontramos um buraco que parecia levar para a floresta. Não era possível, não fazia sentido um buraco embaixo da terra levar para a superfície.

Não tínhamos nada além da curiosidade e o que estava nos nossos bolsos, porém, por conta de ainda estarmos presos lá pela tempestade e diante de uma aventura que não podíamos desperdiçar, decidimos desbravar essa anomalia com o que possuíamos.

Akin carregava um revólver escondido, um canivete e um colete. Áster estava com seu diário de anotações, seu ukulele e calmantes, já eu tinha ferramentas nada especiais: uma lanterna de dínamo, meu isqueiro e um cantil com combustível.

Cavando com as mãos, conseguimos fazer um buraco que apesar de estreito podíamos rastejar para o outro lado, onde encontramos um céu completamente cinza despejando gotas negras. Diante de nós haviam árvores de troncos escuros com folhagens vermelhas e atrás de onde saímos, outra cabana simples, sem portas ou janelas, do tamanho de apenas um cômodo. Não era onde estávamos. Era um lugar impossível de termos saído.

Com os corações apertados adentramos na floresta. À medida que nos aprofundávamos nos deparamos com corpos inchados e pálidos meio soterrados, mas ainda gemendo bem fracos e se movendo por espasmos. Estavam vivos. Apesar de grotesco e perturbador mantivemos a postura para prosseguir. Em seguida encontramos um bosque com dezenas desses corpos pálidos e inchados enforcados, também vivos. Diante deles, ajoelhado estava um homem dilacerado de tal forma que deveria estar morto, porém lamentava como um vivo. Áster o chamou.

"Senhor, com licença, que lugar é esse?"

Para nossa surpresa o morto vivo respondeu.

"Lugar nenhum, ora. Aqui nem é um lugar. Quem disse que aqui é um lugar?"

"Nós morremos?"

"Que ridículo! Nem eles estão mortos, imagine a gente!" o homem em carne viva apontou para os corpos enforcados em decomposição.

"Como chegamos aqui?"

Ele finalmente olhou para a gente e não possuía pálpebras em um dos olhos e seu rosto era carne viva.

"Ah, acabaram de chegar. Tudo que precisam saber é que aqui não tem respostas, não há motivo e não interessa o que vocês fizerem, nada muda. A cada noite vocês vão definhar de dor até ficarem vermelhinhos iguais a mim ou não suportarão e procurarão a morte, daí vão sofrer igual à eles.

Eles estão todos iguais agora, mas ontem sete deles chegaram, como vocês, e fizeram de tudo para sair daqui. Eu falei, eu avisei que os açoitadores iriam torturá-los se tentassem sair só que não quiseram me ouvir e sofreram. Tão machucados não conseguiram nem reagir à noite e sofreram mais ainda nas mãos do nativo. Hoje mais cedo eles estavam tão doloridos e desesperados que decidiram 'se matar'. Não sei de onde vieram, porém tinham cordas, então se enforcaram. Juro que avisei que doeria mais, que não acabaria, que sofreriam mais durante a noite nesse estado e que podiam procurar os corvos no abismo, mas aí estão eles."

"O que acontece à noite?" perguntei.

"Durante a noite o nativo acorda e precisa regar essa terra com o nosso sangue. Alguns esperançados acreditam que essas 'coisinhas' que trouxeram de fora servem para alguma coisa aqui, porém enquanto não aceitam que não há propósito sofrem mais."

Notando o céu cada vez mais escuro, peguei pela mão de Akin e Áster e me apressei para a saída, ouvindo o ensanguentado uma última vez.

"Caso ainda tenham esperança, saibam que não há saída! Os açoitadores não existem para proteger saídas, apenas para tirar a esperança dos que ainda acreditam. Se ainda quiserem tentar, caso consigam se mover, há um abismo onde os corvos habitam e lá eles podem cuidar de vocês."

Com o aviso, logo nós três corríamos no mesmo propósito, arrependidos de estar ali, esperando encontrar sim uma saída, contudo obstruindo o minúsculo buraco da cabana havia um brutamontes vermelho em carne viva de quase dois metros, sem lábios com dentes monstruosos à mostra.

Akin pôs a mão no revólver, entretanto eu o impedi de agir.

"Quer dar mesmo uma de esperto? Nós não sabemos mais que aquele homem, quer mesmo acabar como aqueles corpos pendurados?"

Akin me ouviu, encarou o monstro e lentamente se aproximou pela lateral, apenas para tentar encontrar uma forma de entrar sem alertá-lo, o que resultou em vermos a cabeça do nosso irmão ser destroçada esmagada contra a parede da cabana freneticamente pelo monstro que arremessou seu corpo

para longe. No chão, sem seu rosto e sem metade da cabeça ele ainda se contorcia como vivo, em agonia e desespero. O brutamontes voltou ao seu posto e sem ideia de como cessar a dor do nosso irmão Áster acreditou que deveríamos procurar o tal abismo dos corvos.

Ela chorava, eu não conseguia levá-lo com facilidade pois não parava de se debater de dor. Após uma agoniante caminhada encontramos um enorme abismo que parecia uma catarata de sangue. Pessoas destroçadas se atiravam lá embaixo e corpos costurados e ensanguentados emergiram do sangue ao redor do abismo. Chegamos aos berros, mas ninguém atentava para o nosso escândalo visto que nossas súplicas se mesclavam com os gritos de tormentos de muitos daqueles lá. Na beira do abismo olhamos e no fundo encontramos homens totalmente escuros, com asas no lugar dos braços e com o rosto de corvo. Eles devoravam as pessoas que se jogavam lá. Deduzi que arremessando Akin ele voltaria reconstruído, pelo menos, contudo Áster me impediu.

Durante o dilema do que fazer com o corpo atormentado do nosso irmão, de repente, um desses homens corvos saiu de lá de baixo e comeu a carne de seu rosto. Ficamos paralisados com a cena, então o ser arrastou-o para o abismo e em instantes, ao nosso lado emergiu do sangue Akin, com o rosto ainda desfigurado, só que com um rosto novamente. Sua dor tinha cessado, porém as cicatrizes mostravam que a cada desventura que passássemos lá só piorava.

A noite chegava e não tínhamos tempo de nada. Akin buscou galhos com seu canivete, eu acendi a fogueira com o combustível no cantil e meu isqueiro, então Áster começou a tocar seu ukulele e só esperamos o tempo passar, aproveitando o único momento que podíamos fingir que estávamos em paz.

O céu negro ficou vermelho e então todos os desperançados corriam agitados. Nos levantamos e olhávamos para a escuridão ao redor da fogueira, temendo o pior. De repente, atrás de Áster eu vi em cima de uma árvore tentáculos balançando e em um grito apontei. O tal nativo se revelou na luz das chamas uma criatura alva e ensanguentada, com dedos longos e pontiagudos como galhos brancos que lembravam patas de aranha, seu rosto era negro cheio de dentes como a boca de uma sanguessuga e acima da cabeça tentáculos se movendo como uma coroa natural e viva.

O nativo avançou em Áster, Akin porém entrou na frente e a defendeu com tiros, o que nem sequer freiou o ser. Ele abraçou nossa irmã e as garras do nativo rasgaram suas costas, que foram protegidas pelo colete. Com o impacto meus irmãos foram para o chão e tudo que eu podia fazer era me afastar e vê-los serem estraçalhados pela coisa, contudo surpreendentemente o ser, que nem sequer recuou com tiros certeiros, se afastou dos meus irmãos. Eu o vi tentar se aproximar, mas a fogueira o desconcertava. Então o nativo olhou para minha direção e na escuridão me ocultei atrás de uma árvore.

Sem conseguir enxergar nada eu apenas o ouvi me rodeando. Não tinha como eu ligar minha lanterna de dínamo, o barulho me condenaria se fizesse isso, então acendi o isqueiro e dei de cara com o nativo, que estranhamente se assustou e correu velozmente.

Voltei para perto dos meus irmãos perto da fogueira e logo ouvimos gritos de dor das outras pessoas. Os desesperançados corriam por nós, contudo não sairíamos de perto do fogo, então, de repente,

um dos feridos cambaleou e caiu na fogueira queimando até simplesmente morrer. Isso chamou a atenção de todos, afinal não tinha como morrer.

Desesperados eles se atiraram na fogueira, entretanto só conseguiram apagar as chamas. Liguei minha lanterna e logo fui cercado pelos desesperançados, me implorando por fogo, pela morte.

Antes que chegassem a mim, Akin derrubou dois deles com tiros certeiros, os deixando em agonia no chão e dispersando a multidão. Desprotegidos na noite, corremos para a cabana. Akin acertou uma bala certeira no brutamontes e o deixou atormentado no chão. Passamos pelo buraco, usei a lanterna para achar a abertura no teto, mas não tinha. Não havia mais saída, porém tínhamos uma chance, uma oportunidade para fazer algo, o fogo.

Passei o dia seguinte inteiro tentando convencer meus irmãos a "escaparem" dali através do fogo, mas o medo(ou a maldita esperança) os impediu de serem convencidos. Durante a noite, me recusei a usar o combustível para acender outra fogueira e então decidimos dormir na cabana. Akin deu seu colete para Áster a fim de protegê-la e ela caiu em sono profundo por conta dos calmantes. Peguei o diário dela e fiz uns rabiscos.

No meio da noite ouvi o nativo ao redor da cabana. Só tinha uma pequena entrada, estávamos encurralados. Precisava agir. Então Akin acordou e me viu com o cantil de combustível em mãos, em direção à Áster. Era o único jeito, eu tentei avisá-los, mas eles não tinham sofrido o suficiente para entender, como os outros. Eu também os amava demais para matá-los contra sua vontade. Então Akin me deu um tiro tentando me impedir de matar nossa irmã. Fui protegido pelo colete que roubei de Áster dormindo e entrei em combustão, pois tinha me molhado com o combustível. No mesmo momento o nativo entrou pelo buraco e eu o abracei, queimando junto com ele até o fim. Meu plano deu certo.

Deixei um pouco de combustível no ukulele para eles usarem como quisessem. Também deixei minha lanterna e meu isqueiro com Áster e em seu diário escrevi todo esse plano. Não sei se matei o nativo, nem o que aconteceu com meus irmãos, mas não deve fazer diferença. Por que? Você já sabe, lá a dor nunca acaba, tudo recomeça, nada termina. Lá não há propósitos.

PESADELO RECORRENTE

Eu estava no meu quarto, deitado na cama mexendo no celular como sempre, quando de uma fresta do meu armário eu o vi me espreitando novamente. Uma silhueta de um grande sorriso sem dentes e olhos brancos me atormentava fazia semanas. Trêmulo e impulsivo eu corri e bati a porta do armário.

"Eu não tenho medo de você! Eu não te quero aqui, vai embora!" Tentei gritar, mas caso você me ouvisse entenderia apenas murmúrios e meias palavras, pois nem para falar eu estava com condições.

Com muito medo e imprudente eu podia abrir o armário e confrontar o que estava lá, ou só encontraria roupas. Por fim decidi não me arriscar. Fingindo que não havia algum ser no mesmo cômodo que eu com intenções macabras eu saí do quarto, tentaria encontrar minha mãe ou sair de casa para me sentir seguro, porém assim que abri a porta encontrei a sala em completa escuridão. Voltei ao armário e mesmo com medo o abri, não encontrando nada anormal lá.

A luz do meu quarto enfraquecia, algo me esperava na escuridão e eu precisava fugir dali. Apressei meu passo na escuridão.

"Mãe! Você tá aí?!"

"Oi. Tô bem aqui, pode falar."

A resposta veio do sofá, ao meu lado, mas eu não enxergava nada no escuro então parei e segui para o interruptor quando tive a sensação que todos temos quando andamos no escuro: senti alguém atrás de mim. Senti que se eu corresse ele me pegaria, tentei apressar o passo e dei de cara com a parede, tentando encontrar o interruptor e apertá-lo desesperadamente. O achei, apertei ele diversas vezes, mas não funcionou, nada aconteceu e fiquei na completa escuridão, quando ouvi risadas se aproximando.

"Sai daqui! Você não pode ficar na minha casa! Eu não te quero aqui!"

Foram minhas últimas palavras antes de acordar.

Eu tinha esse pesadelo constantemente e seguia a mesma narrativa: algo me observava, as lâmpadas paravam de brilhar, eu corria para o interruptor, às vezes por um cômodo escuro, e ele não funcionava, daí aquela coisa finalmente se revelava. Haviam variações de lugares, às vezes tinham pessoas, contudo seguia o mesmo script.

Eu ia para a escola com uma colega de sala que sempre me ouvia falando dos pesadelos e sempre fui aconselhado por ela à procurar ajuda médica pois andava muito sonolento, delirava, ficava testando interruptores para ver se não estava sonhando, durante as aulas queria ir embora achando que estava no mesmo pesadelo. Eu tinha medo de contar para as outras pessoas e isso me fez esconder esses episódios de qualquer profissional.

Chegando no colégio, eu vi aquele sorriso escuro e olhos brancos me espreitando do banheiro, que se fechou, então corri até lá, deixando a minha amiga, que prosseguiu para a sala.

Entrando no banheiro o encontrei vazio. Em silêncio olhei por debaixo das porta e vi algo escuro se levantando como se tentasse se esconder em cima de uma privada. Eu fui até esse box e estava trancado.

Em um ataque descontrolado eu bati e puxei a porta até arrombá-la para encontrar nada lá dentro. Eu entrei e me sentei encolhido, imaginando planos que criei para acabar com essa tortura psicológica, até que caí no sono.

Não sei quanto tempo passou, mas acordei e tudo parecia normal, tirando que a iluminação do colégio não funcionava. Como ainda era de tarde o sol iluminava parte da escuridão. Me levantei e fui até a sala de aula, sentindo que alguém me observava.

Eu entrei na sala, todos pareciam estranhos como sempre, o sol que passava pela janela clareava a sala e a luz... estava apagada. Fui até o interruptor e apertei ele diversas vezes, tantas que todos começaram a me olhar. Minha amiga riu da cadeira ao lado da janela, notando que eu estava ansioso demais.

"Ei, onde você estava? Acha que isso é um sonho?"

"Não diria um sonho, mas sim outro pesadelo."

Disse sacando uma arma da mochila.

BLOODY ROSE

Nunca fui muito popular no fundamental, minha vida nem era tão interessante, só que no segundo ano do ensino médio e estudando em um novo colégio as coisas tinham que ser diferentes. E começaram a ser mesmo desde o início do ano, quando encontrei a primeira rosa de muitas. Depois que voltei do intervalo havia uma rosa branca com manchinhas vermelhas marcando uma página no meu caderno em que havia um desenho de coração, então notei o grupinho das garotas populares rindo e cochichando, enquanto me olhavam. Antes que eu pudesse reagir, um garoto do time me zoou quando me viu com a rosa e toda a turma riu. Sem graça, joguei a rosa no lixo, depois disso as meninas se calaram e senti que era o presente de uma delas. Desde então, encontrava rosas no meu armário, mochila e quase sempre o mesmo grupinho que estava por perto. Mesmo assim precisava fazer algo para acabar com a má fama que as rosas me trouxeram.

Eu era um atleta promissor e isso me levou a conseguir um teste e ser aceito no time, além de que precisei de poucos treinos para sair da reserva. Depois disso fui a estrela da maioria dos jogos que tivemos, fiquei conhecido pelo colégio, me tornei amigo dos garotos que me zoavam, estava sempre cercado de pessoas populares, recebia convites para festas e as garotas me tratavam diferente, contudo ainda cultivava a curiosidade de quem deixava as rosas, então conversei com meus amigos sobre o grupinho de garotas que sempre estavam perto e descobri o nome de cada uma delas. Imagina a minha felicidade ao saber que uma delas se chamava Rose.

Decidi fingir não saber quem deixava as flores. Precisava do momento certo para chegar nela e logo eu teria uma chance, um grande jogo do time se aproximava. Não tinha mais opções, devia vencer esse jogo a qualquer custo, por isso, me dediquei dia e noite. Levei esse jogo tão à sério que além de vencermos fui o destaque do time. E enquanto todos comemoravam, gritando meu nome, peguei uma rosa e caminhei até Rose, me declarando para ela na frente de todo mundo. No início ela ficou sem reação, em silêncio, o que me causou um medo de ser rejeitado, porém segui adiante com o discurso e a pedi em namoro. Um pedido que foi respondido com um beijo dela e logo foi retribuído por mim, enquanto toda a plateia gritava comemorando.

Finalmente, no auge da minha vida escolar tive a perspectiva do outro lado. Implicávamos com os nerds, os "esquisitos", sem motivo algum. Me sentia um babaca, contudo tive que fingir não ligar para não perder meu prestígio. Por mais que a gente zoasse muito e que os garotos nos achassem chatos, eles não se sentiam tão oprimidos quanto as meninas. As brincadeiras delas eram pesadas. Inúmeras vezes flagrei minha doce Rose humilhando uma das góticas, a vítima preferida dela. Cheguei a pará-la algumas vezes e fui agredido por ela, enfurecida por me meter. Quando não, ela chorava muito. Nunca entendi o ranço que ela tinha daquela menina e Rose sempre se estressava quando eu perguntava.

Nosso namoro foi intenso, éramos famosos nas festas, fazíamos loucuras e também tínhamos nossos momentos ruins. Fomos alvo de inveja, mentiras e chegamos a ter brigas feias, porém a cada dia

eu tinha mais certeza que aquilo não era uma paixão de momento, um amorzinho de colégio. Ainda era jovem, só que isso não me impedia de mostrá-la que queria ter um relacionamento sério. Comprei alianças e conversei com ela, queria levar nossa história para frente, conhecer sua família, pedir ao pai dela uma oportunidade de ser da família. Esse desejo era recíproco.

Na noite em que fui na casa dela para conhecer seus pais me senti um idiota de início, pois aluguei um terno para encontrar todo mundo vestido casualmente. Foi constrangedor, entretanto fiquei aliviado por causar uma boa impressão nos pais da minha garota. Só que tudo piorou quando a janta foi servida pela irmã mais nova da Rose, Nadja, a mesma menina gótica oprimida por ela no colégio. Fiquei sem jeito, via aquela menina sofrer nas mãos da Rose e agora tinha que jantar com ela fingindo que estava tudo bem, porém, de repente Nadja disse: "Vai contar pros nossos pais o que a Rose faz comigo no colégio?"

Fiquei sem palavras. Os pais de Nadja não deviam saber o que ela passava nas mãos da irmã mais velha, ou não acreditavam. Antes que eu pudesse responder algo, Nadja quebrou o silêncio de novo.

"Rose, quer que eu conte o que-"

E foi interrompida por um tapa tão forte que a arremessou no chão. Rose parecia louca, gritava com Nadja dizendo que ela merecia morrer, que estragava tudo na sua vida com sua podridão, que preferia não ter irmã. Nadja correu tampando o rosto para o andar de cima enquanto a mãe delas foi atrás. Rose soluçava de ódio e seu pai não me deixou falar com ela, a mandou para o quarto de castigo enquanto me levou para fora.

"Rose não é uma garota fácil de lidar." me disse o pai dela. "Mas você me parece um rapaz bom, para vir aqui nos conhecer em vez de se aproveitar dela. Talvez você a ajude a mudar. Tem a minha bênção."

Fui embora com o que tinha ido buscar, porém vi coisas que não queria ver. Eu amava Rose, entretanto não me faria bem ter alguém tão volátil ao meu lado. Conversamos no dia seguinte e descobri que, para se dar bem com Nadja, ela visitava o psicólogo há alguns meses, desde do início do ano, quando sua irmã voltou para casa depois de fugir no fim do ano passado, contudo como não tinha progredido os pais pensavam seriamente em levá-la a um psiquiatra, para começar a ser medicada. Rose contou que sua irmã era o problema, que fazia coisas horríveis, fingia ser outra pessoa e só mostrava suas garras para atormentá-la, por isso começou a revidar, pois não achava outra maneira de desmascará-la ou pará-la. De qualquer forma ela admitiu que a Nadja só pegou mais pesado desde então. Perguntei se nós três podíamos sentar para conversar, só que a ideia foi abominada aos ouvidos dela. Decidi então que conversaria com Nadja sozinho, sem que ela soubesse.

Passei para a menina secretamente um bilhete dizendo para nos encontrarmos durante as aulas, quando ninguém podia nos ver, no parque dos fundos do colégio. Deixei claro que era para discutirmos sobre Rose e ela.

Encontrei a garota de preto no balanço e sentei ao seu lado perguntando o porquê da sua irmã a odiar tanto. Nadja contou que Rose tem problemas mentais como paranóia, psicose, bipolaridade e,

talvez, esquizofrenia por isso a oprimia. Disse que sua irmã tinha vergonha dela por ser diferente, ou, nas palavras de Rose, estranha. A menina mostrou seus braços cortados contando que um dia pegou Rose se mutilando e foi obrigada por ela a fazer a mesma coisa, só que teve medo de contar aos seus pais. Contou que Rose acreditava fielmente que eu me relacionava com ela e, o pior para mim, que Rose só estava comigo porque eu poderia provar para os pais dela que ela não precisava de psiquiatra. Foi difícil assimilar tanta informação e não tive tempo para pensar em nada pois Rose, revoltada, chegou com seu grupo de amigas. Mal consegui me explicar, ela terminou comigo, por traí-la com Nadja, e tentou agredir sua irmã, então a segurei para defender a menina enquanto fui vaiado pelas amigas dela. No fim adultos chegaram, fui considerado culpado pela confusão, por "agredir" Rose e ganhei suspensão.

Depois que a poeira baixou tentei conversar com Rose, todavia ela preferiu deixar as coisas como estavam. Sempre a via pelo colégio cabisbaixa, acabada, como nunca a vi antes, ainda assim não tinha notícias dela, até Nadja vir me perguntar se eu iria na festa que Rose faria quando os pais delas viajassem. Respondi que não, pois como não fui convidado era porque ela não me queria lá. Nadja insistiu que eu aparecesse, me aconselhou a consertar as coisas, fazer Rose sorrir de novo. Fiquei muito indeciso e prometi pensar.

No dia da festa chovia, saí do colégio me mordendo para aparecer lá, só precisava de um incentivo, foi quando cheguei em casa e encontrei uma carta para mim com uma rosa branca salpicada em vermelho. Dizia "Às três horas no meu quarto, com amor, Rose".

Fiquei tão ansioso para encontrá-la que fui uma hora mais cedo. Me arrumei todo e dirigi até a casa dela para encontrá-la vazia. Bati na porta, contudo ninguém atendeu, como a chuva havia piorado não deviam me ouvir, então entrei. Não tinha sinal algum de festa. Subi as escadas, encontrando o quarto que as irmãs dividiam. Achei estranho, o que quer que fôssemos fazer não deveria ser na frente da Nadja. Sentei na cama dela e mandei uma mensagem. Sem resposta, fucei as coisas dela e encontrei na janela um vaso jardineira com muitas rosas brancas, na escrivaninha uma rosa salpicada de vermelho e um pote de corante com um conta gotas. Cheirei a rosa e senti o odor dela, só que meio atípico, então tive uma ideia, precisava encontrar algo sobre mim, e procurei pelo diário dela o encontrando ao olhar embaixo da cama, bem escondido debaixo do colchão. Comecei a ler a partir do meu primeiro dia no colégio.

"Querido diário, hoje deixei uma flor para o garoto novo. Espero que ele me note... Fui avisada que minha irmã vai estragar tudo, mas ainda não tenho coragem de me livrar dela. Vou tentar parar ela de outra forma... Querido diário, minha irmã continua a estragar meus planos! Ela acha que jogar duro vai me intimidar. Vou ensinar ela a não se meter mais comigo... Querido diário, quando eu acho que meus sonhos vão se realizar ela continua estragando tudo! Estou quase perdendo o amor da minha vida pra ela, mas coitada, ela mal sabe quem está do meu lado... Querido diário, se só ela é amada, está na hora de tomar a vida dela e ter tudo que é meu..."

Rose era louca. Olhei para o pote de corante e trouxe perto do nariz. Era sangue. Recebi uma mensagem dela "estou te esperando no quarto". A chuva trouxe quedas de energia e em um instante eu

estava no completo escuro. Ouvi as escadas e assustado me escondi no guarda roupa. Ela entrou e se sentou na outra cama. Comecei a ouvir vozes sussurrando e fiquei em êxtase, enquanto sentia algo me puxando cada vez mais fundo. No segundo que tive de reação me joguei para fora do guarda roupa, tentando lutar contra essa força estranha e comecei a ser atacado. Com a visão ofuscada pela escuridão e o resto dos meus sentidos embaraçados, não conseguiria me defender das facadas se não fosse pelo diário, que usei de escudo. Por causa dele só cortei superficialmente meus braços e parte do rosto. Quando Rose me reconheceu no escuro pareceu se arrepender recuando.

"Amor! Me perdoe, não sabia que estava aqui!" ouvi sua voz ecoar na minha cabeça em vários tons distorcidos e mesclados com a chuva enquanto me afastava para a janela.

"Não precisa ter medo, logo não terá mais ninguém para impedir nosso amor. Só preciso da sua ajuda no porão. Depois que entregarmos ela para eles poderemos ser felizes."

Mal conseguia falar, lutava para não desmaiar ali. Tudo que consegui fazer foi me afastar até a janela e me jogar de lá. Rose me segurou pelo braço com uma força que eu nunca tinha visto e vi como suas mãos estavam ensanguentadas.

"Se você não quer me amar, não preciso de você também".

Segurei firmemente nos cortes dos braços dela fazendo ela me soltar em cima das rosas espinhentas. Apesar de estar todo ferrado pareceu um alívio sair de lá e meus sentidos voltaram. Eu poderia fugir, todavia se Nadja estava viva no porão eu devia fazer algo. Meu celular quebrou no processo, então eu estava sozinho, por minha conta. Assim que entrei na casa as luzes se acenderam e me deparei com Rose fraca, ensanguentada, aos prantos e furiosa rastejando para cima de Nadja que estava caída. Para intervir, imobilizei Rose contendo sua agitação de fúria enquanto ela gritava.

"Não! O que você tá fazendo!? Eu tô quase conseguindo! A gente precisa acabar com essa coisa!"

Nadja tinha apanhado muito, estava bastante ferida, e enquanto se levantava Rose se enfraquecia, falando as últimas palavras antes de desmaiar.

"Não era nem pra você estar aqui... Você estragou tudo."

Enquanto eu olhava o semblante sereno de Nadja, tive uma epifania, como se de repente tudo fizesse sentido. Rose não me mandou mensagens, não me sentei na cama dela, o diário que li não era seu, ela não me atacou e nunca me deu rosas. Tinha algo escuro, claro e avermelhado atrás da Nadja, algo maior que ela e algoz, contudo ao mesmo tempo que o via eu não o enxergava de verdade. Uma silhueta, uma sombra que não era dela.

"Então você me ama?" perguntou Nadja.

"E-Eu amo a Rose!" disse gaguejando, me sentindo fraco, novamente perdendo os sentidos.

"Amor, eu sou a Rose. Só estou coberta de sangue."

Tudo escureceu.

Acordei no porão, sem saber quanto tempo se passou, vi dois corpos adultos esquartejados com seus pedaços espalhados, de alguma forma "enfeitando" o lugar de forma ritualística, e símbolos que

eu nunca vi por todo lado desenhados com sangue. Velas e rosas ensanguentadas circulavam o símbolo maior, em que vi Rose de joelhos, toda ferida e amarrada em uma extremidade, enquanto eu estava preso em outra. Nossas amarras eram caules espinhentos de rosas e haviam pétalas brancas ensanguentadas ao nosso redor. Tentava me libertar, porém isso fazia os espinhos me rasgarem cada vez mais. Tentei incentivar Rose, mas ela parecia ter desistido e ficou calada.

As velas se apagaram, a escuridão tomou conta e Nadja apareceu com uma vela. Desde então ela fez coisas horríveis, estranhas, abomináveis comigo e Rose, não queria que morressemos, queria que sofressemos. Éramos atormentados por vultos e seres da escuridão, pela podridão e a falta de sono, forçados a comer carne crua e beber sangue. E essa parte é o paraíso comparado às outras.

Em algum momento, cansado de sofrer, dilacerei meus braços para arrebentar as amarras, por causa da hemorragia eu finalmente morreria, porém antes libertei Rose destroçando os caules com meus dentes. Ela, em um impulso instintivo de sobrevivência, rastejou enfraquecida para o alçapão que dava no jardim. Tentei seguí-la, mas algo me puxou de volta para as trevas.

Não sei o que aconteceu com essa Rose, mas eu sofri até não me sobrar fôlego nas mãos da Rose Sangrenta

UM JOVEM EXORCISTA

O orfanato onde fui criada sempre foi rígido, exigindo uma santidade e pureza que nós, crianças, não entendíamos. As crianças não se comportavam porque eram perfeitas, disciplinadas ou santas, apenas porque as punições eram torturantes e seriam consideradas inaptas à adoção. Não entendíamos nada dessa santidade, a víamos como uma inimiga, não algo a se alcançar, éramos apenas obrigados à aceitá-la, contudo eu queria acabar com isso, mesmo parecendo ser a única disposta a brigar contra aquelas injustiças. Meu melhor amigo, Colt, concordava comigo, ficava indignado com o sofrimento que sujeitavam às crianças, mas nunca tinha a mesma coragem que eu na hora de se impor, então todos os castigos sobravam para mim.

A cada semana que se passava mais crianças iam sendo apresentadas aos seus possíveis pais e então, seguindo o conceito de santidade exigido pelas freiras, eram adotadas, enquanto nós, os rejeitados, continuávamos apodrecendo naquele lugar. Em uma dessas adoções separaram um casal de gêmeos e a menina que não queria ser separada de seu irmão tentou fugir para continuar com ele, só lembro de que na hora do jantar ela apareceu em desespero chorando, mas antes que pudesse parar de soluçar e dizer algo, a madre, uma mulher magra, velha e bem alta, apareceu e a agrediu com um açoite a xingando de pecadora, imunda, como sempre nos xingava, contudo estava furiosa como nunca vimos antes. A madre começou a espancá-la com as próprias mãos e em instantes estava ensanguentada com o corpo de uma criança morta em mãos. Ficamos horrorizados com a cena, alguns gritaram, outros choraram, mas todos permaneceram sentados e atentos ao aviso da madre.

"Esse santuário está sendo manchado com o pecado e a única forma de limpá-lo é com o sangue dos pecadores!" Ela apontou para cada um de nós com seu dedo vermelho de sangue. "Vou achar cada um de vocês e acabar de uma vez com o mal."

Desde esse dia começamos a ser estritamente vigiados pelas freiras. Eu sabia que havia algo de errado, que a menina morta tinha visto algo que a amedrontou a madre e agora ela estava com medo de qualquer um de nós descobrissemos e espalhássemos. De repente, a qualquer momento, garotos e garotas eram levados pela própria madre por estarem vagando fora dos dormitórios de madrugada e até mesmo durante as atividades diurnas, dedurados pelos outros órfãos já capturados. Com o tempo eu notava mais frequentemente freiras no cemitério que era fechado e nem tínhamos cerimônias de velório, então não entendia o possível motivo de estarem lá.

Colt ficou com mais medo depois disso então abominou a ideia de se arriscar pela verdade comigo. Decidi sair do orfanato pela madrugada, mas temia ser pega e acabar tendo o mesmo destino da menina da lanchonete, então no horário do almoço escondi uma faca comigo e a levei para o banheiro, onde a escondi debaixo de uma pia. Pela madrugada, me levantei do saco de dormir, no meio das beliches e outras dezenas de sacos de dormir chamando pela freira que fazia a guarda. Meu plano era pedir para ir ao banheiro, e na primeira oportunidade eu pegaria a faca.

Apesar da freira reclamar, ela aceitou me levar até o banheiro, tudo que eu precisava fazer era pegar a faca, voltar para o quarto e fugir quando ela se distraísse. Eu entrei dentro do banheiro enquanto a freira ficou esperando do lado de fora.

Eu estava agachada tentando pegar a faca atrás da pia quando escutei a voz atrás de mim.

"O que você está pegando aí?"

Eu virei para trás e a freira me encarava com ódio, ela dizia que chamaria a madre, que ela me ensinaria uma lição e com isso ela agarrou meu braço, eu comecei a me debater tentando me soltar, foi quando em um ato de desespero eu enfiei a faca no pescoço dela.

Ao ver seu corpo caindo no chão, a minha primeira reação foi entrar em choque, ficando completamente parada, apenas olhando-a se debater no chão, logo em seguida a ânsia de vômito subiu pelo meu corpo, e eu comecei a vomitar em cima da pia.

"E-eu matei ela...eu...eu tirei uma vida."

Demorei uns minutos para recobrar a postura, limpei minha boca e em seguida olhei o corpo da freira, sabia que precisava da chave dela, me agachei e mexi em seu bolso, tive que segurar a respiração para acabar não vomitando de novo, logo em seguida me levantei.

Saindo do banheiro, fiz questão de trancá-lo, andei pelos corredores totalmente escuros, temendo que ligar a lanterna alertasse freiras em alguma ronda. Perdi um tempo, sem saber onde estava, até que ouvi passos cada vez mais próximos. Tentei desviar para a esquerda, fazendo um pouco de barulho no chão de madeira e então os passos cessaram. Me mantive imóvel no esmagador silêncio, sem conseguir enxergar um palmo na minha frente. Depois de alguns segundos agonizantes na escuridão, tremendo, eu tentei passar, porém em resposta ao meu primeiro passo, ouvi os passos a uns dois metros avançando na minha direção. Imediatamente, no desespero, liguei a lanterna e eu gelei diante de uma menina ensanguentada, com o corpo mutilado e o rosto praticamente defomado. Eu congelei horrorizada e com medo.

Ao ver aquela menina eu tive a mesma sensação de quando vi o corpo da freira, senti o vômito querendo subir de novo, porém dessa vez eu fiz questão de engolir e de lutar para que meu corpo se mexesse.

"Não dá para sair ...eles estão lá ...não dá pra sair assim..." disse a menina frenética e fraca "No cemitério... só no cemitério..."

Ela passou por mim sem dizer mais nada e sumiu na escuridão. Enquanto eu tentava recompor minha coragem para continuar ouvi passos, dessa vez firmes e apressados. Desliguei a lanterna e me encolhi no canto. Em instantes passos violentos passaram por mim, então ouvi gritos da menina e barulhos contra as paredes de concreto e contra o chão de madeira. Mudei meu caminho e me apressei até o dormitório dos garotos, que não haviam freiras fazendo a guarda apenas portas trancadas que consegui abrir com as chaves que peguei.

Assim que encontrei Colt o acordei, tampando sua boca e fazendo um sinal de silêncio. Não podia

deixá-lo lá, eu precisava salvar meu amigo. Arrastei ele para fora do dormitório ameaçando começar a gritar, ele sabia o que aconteceria comigo se eu fosse pega na ala masculina à noite.

Lá fora eu tentei convencer ele a fugir, tentei convencer ele sobre a menina que eu vi, só não tive coragem de contar a ele o que eu fiz.

Apesar de tudo que eu dizia, o Colt ainda não acreditava em mim, ele estava com medo demais para tentar fugir, foi quando nossa conversa foi interrompida com barulho de passos e um som de mastigação, como se algo estivesse quebrando ossos e devorando a carne com uma mordida e eu liguei a luz para tentar ver o que era.

Não fui capaz de ver o que a criatura era, porém descobri de onde era aqueles barulho, aquele monstro estava com a menina de antes na boca, enquanto a mastigava.

"Corre!" Gritei para Colt e o vi fugir em direção ao corredor, então, apontei a lanterna para o outro corredor para afastar nosso perseguidor dele. Quando tive certeza que aquilo estava me seguindo desliguei a lanterna, tentando despistá-lo, porém de repente acertei algum móvel no corredor e caí. O que estava na escuridão avançou tão rápido que tudo que eu pude fazer foi me rastejar para longe me levantando e ligar a lanterna para enxergar o que estava lá. Vi algo mais magricelo e alto que a madre, pálido, cinza, andando como quadrúpede, com um manto negro e uma máscara que deixava de fora sua enorme bocarra. Ele cobriu o rosto, incomodado pela luz da lanterna e eu vi nitidamente o sangue pela sua boca e mãos. Em um grito eu corri, desviando meu trajeto para um último plano desesperado. Eu só ouvia os passos e murmúrios animalescos daquilo atrás de mim.

Chegando no banheiro tentei tirar a chave do bolso e rapidamente destrancar a porta e por sorte fui capaz de abri-la no último segundo. Entrando eu bati a porta no mesmo instante e a tranquei, escutei a criatura batendo nela, sabia que arrombaria aquilo facilmente, e eu precisava me defender.

O único problema é que a única faca era aquela que estava no corpo da freira, eu fechei os olhos, a segurei e puxei, senti o sangue pular em cima de mim, mas só tive coragem de abrir os olhos novamente ao escutar a porta sendo arrombada.

Assim que a coisa entrou eu notei a diferença de tamanho daquilo para a minha minúscula faca de cozinha. Em um salto o ser deitou sobre mim abrindo sua boca, pronto para me devorar, então enfiei a faca no fundo da sua garganta. O monstro entrou em frenesi se contorcendo e grunhindo pelo banheiro. Colt apareceu na hora, então saí de lá com ele em busca da saída no cemitério. Não precisava mais convencê-lo de nada.

Passamos por todo o cemitério procurando a "saída" que deveria estar lá. Percebendo um sepulcro aberto, apontei minha lanterna para dentro e me deparei com escadas descendo para as profundezas. Talvez fosse a nossa saída, então descemos.

À medida que descíamos, tremores surgiam e intensificam-se ao ponto que sentia meus pés tremerem e então começamos a ouvir as vozes. Seguindo as vozes pelos corredores cavernosos encontramos a madre no meio de um símbolo ritualístico enquanto as freiras ao redor se mutilavam, derramando o seu

sangue fazendo-o vaporizar, como se o solo queimasse. As freiras proferiram palavras enquanto a madre flutuava parecendo receber algo, então ela começou a queimar, criando marcas pelo seu corpo velho e o ritual pareceu ter sido interrompido com seus gritos de agonia.

"O que houve madre?" Perguntou uma freira.

"O sacerdócio não quer se conectar comigo." Respondeu ela fraca "Algumas crianças fugiram do altar de sacrifício e eles estão lá em cima procurando por elas. Precisamos achá-las antes que eles destruam tudo."

Todas correram em direção às escadas e quando iríamos começar a busca pela saída, Colt segurou meu braço.

"Temos que ajudar as crianças!"

"Tá maluco?" puxei ele com força "A gente vai morrer e não vamos ajudar ninguém! Olha, estamos quase fugindo, se preocupa com você agora."

Diante de uma grade que levava ao esgoto da cidade, para fora daquele maldito orfanato, peguei as chaves, torcendo para que alguma delas nos libertasse, até que... "clack" uma girou e o portão para nossa liberdade se abriu. Pela primeira vez coloquei meus pés fora daquele lugar, quando ouvi Colt fechar a grade.

"Eu não vou fugir, não assim."

"Você ficou maluco!? Vai morrer aí dentro!"

"A gente não pode deixar todo mundo para trás. Se você quer fugir, tudo bem, te agradeço por me ajudar, mas eu não vou conseguir viver sabendo que abandonei dezenas de crianças nesse abatedouro."

Eu segurei o grito de raiva que senti dele. Colt simplesmente deu as costas e voltou. Ele nunca teve coragem de lutar por si e no seu momento de escapar arriscou tudo por uma causa impossível. Eu tive ódio da decisão dele, contudo me odiaria mais caso o deixasse para trás, então abracei seu propósito como se fosse meu, porque ele era meu amigo.

O orfanato agora estava iluminado por lamparinas, castiçais e candelabros das freiras que buscavam os fugitivos. As crianças continuavam trancadas nos dormitórios. Não tivemos muito o que fazer, até que vultos enormes correram disparados, apagando as chamas e atacando as freiras que estavam no nosso caminho. Colt tremia notando o que precisaria enfrentar caso quisesse salvar aquelas vidas. Eu coloquei a mão sobre seu ombro, esperando que ele se decidisse.

"Tudo que a gente precisa fazer é abrir os dormitórios e chegarmos no cemitério, né?" Perguntou ele: "Só que tanta gente vai chamar muita atenção."

Depois de pensar um pouco eu respondi: "Vão ficar ocupados comigo".

Depois de tirar as chaves dos dormitórios e entregar para ele corri até o refeitório, sem muita certeza de que meu plano funcionaria. Entrei na cozinha com um castiçal e deixei em cima da pia enquanto abria todas as saídas de gás dos fogões. De repente as portas do refeitório foram arrombadas por uma daquelas bestas. Nos segundos que pensei em me esconder ele invadiu a cozinha.

Embaixo de uma mesa vi debaixo da pia outra criança bastante ferida escondida. Eu sabia que logo tudo ali explodiria, então precisava agir rápido.

"Corre!" Gritei me atirando para frente em busca de algo pra me defender. Fui lenta demais e a enorme criatura me pressionou contra a parede tentando mastigar meu rosto. A criança não se movia, então enquanto eu sacrificava meu braço nos dentes daquela coisa para proteger meu rosto gritei "Corre pra merda do cemitério!" E instantes depois da criança sair dali, a cozinha explodiu me arremessando para o meio do refeitório e incendiando tudo que era de madeira. Pelo visto toda encanação de gás explodiu, já que ouvi barulhos e tremores por todo lado.

Sem pensar muito no meu braço dilacerado eu corri, aproveitando a confusão mental do monstro. Fiz o que pude, coloquei minha vida em risco, agora precisava fugir. Grande parte do orfanato estava em chamas e elas só se alastraram mais.

Chegando no cemitério encontrei Colt me esperando do lado de fora do sepulcro. As crianças tinham fugido, só faltava a gente. Passei na frente, com meu braço gotejando sangue quando ouvi os gritos de Colt. Olhei para trás e vi a madre, muito mais alta, assombrada com sangue nos olhos, dentes monstruosos e veias negras pelo corpo pálido, puxando ele pelo pescoço. Em um instinto para salvá-lo de ser mutilado mordi a canela dela com todas as minha forças, arrancando um pedaço, o que fez ela apenas me chutar para longe. De repente, ela soltou-o como se algo no seu braço que o segurava doesse mais que um pedaço do corpo arrancado pelas dentadas.

"Foge!" Gritou Colt correndo para a capela em chamas "Eu vou acabar com isso"

A madre andou desesperada atrás dele. Era óbvio que eu não fugiria. Entrei no santuário flamejante e encontrei uma cratera em chamas, feita pela explosão do encanamento de gás, entre Colt e a madre. Ele parecia exalar de sua mão esquerda uma espécie de poeira azul. A madre parecia ser afetada com o que acontecia, ao ponto de se contorcer no chão, foi quando vi uma daquelas coisas entrando na capela por uma abertura no alto e saltando cada vez mais próxima de Colt, pronta para matá-lo em um só bote. Corri gritando, tentando chamar sua atenção, mas era como se ele estivesse em transe. Pulei pelos obstáculos e crateras até chegar perto o suficiente para me arremessar a tempo, juntamente com o bote do perseguidor.

Tirei Colt do caminho e do transe, mas fui acertada pelo ser que caiu junto comigo na cratera maior. Me segurei na borda do chão da capela, sentindo minhas mãos queimarem com a temperatura do chão e o resto do meu corpo como em uma fogueira. Meu braço dilacerado cedeu e assim que eu escorregava para as profundezas flamejante, Colt segurou minha mão. Ele era pequeno, não tinha forças pra me levantar, a madre recobrava a postura e logo o atacaria. Olhei no fundo dos olhos do meu amigo e sorri.

"Eu não vou te soltar." Choramingou ele.

"Eu te daria um beijo," respondi "mas você merece uma mordida!"

Nossa amizade ficou marcada com meus dentes em sua mão enquanto eu caí nas chamas. Não sei

como terminou essa história, mas sei que Colt era um herói, por baixo de toda fraqueza externa ele era uma faísca mais quente que todas aquelas chamas.

O ESPANTALHO

Depois de anos trabalhando duro e economizando bastante, meu marido e eu finalmente conseguiríamos nos mudar para uma fazenda, um lugar tranquilo e no meio da natureza, nosso sonho. O enorme lugar estava sem residentes há anos e seria necessário uma reforma, então meu cunhado, Eddy, minha irmã, Lisa, e dois amigos, Alexia e Rodrick, foram nos ajudar.

Ficamos na estrada por horas e quando chegamos encontramos a grama tão alta quanto a gente, a casa e o celeiro com tábuas quebradas e tinta desbotada. Nós começamos pelo campo, depois nos separamos entre o celeiro e a casa. Enquanto eu pintava o lado de fora da casa vi um casal de velhinhos se aproximando com um bolo, eram os proprietários da fazenda ao lado, nossos vizinhos. Depois de nos darem boas vindas, mostraram estar felizes de finalmente terem companhia e que, sendo fazendeiros veteranos, estavam ansiosos em ajudar com o que precisássemos.

Após dias de trabalho terminamos as reformas. Enquanto descansamos bebendo na porta de casa ouvimos um enorme estrondo e Eddy, meu cunhado, gritando. Subimos a escada e descobrimos que verificando uma tábua suspeita Eddy encontrou um sótão escondido. Lá em cima encontramos caixas, ferramentas e outras tralhas. Entre todas as coisas se destacou um caixão trancado com correntes e um cadeado. Lisa temeu haver um corpo lá, meu marido tirou nossas dúvidas quebrando as correntes e arrombando o caixão com um machado que encontrou ali. Um corpo coberto por lençóis foi o que encontramos. Eu e Lisa já queríamos ligar para a polícia, porém meu marido preferiu tirar os lençóis revelando um simples espantalho, que mesmo horrendo era melhor que um corpo.

"Por que tem um espantalho trancado em um caixão escondido num sótão secreto?" Perguntei.

"Talvez só seja uma pegadinha dos antigos donos, vai saber." Rodrick respondeu. "Por que não aproveitam e o colocam no campo? É um espantalho."

Meu marido gostou da ideia e o fato de eu e Lisa ficarmos assustadas foi o motivo para Rodrick e Eddy saírem para o campo brincar com o espantalho, debochando da gente. Enquanto esperava eles pararem de palhaçada, notei nosso casal de vizinhos na entrada da nossa fazenda, mas então se assustaram com a brincadeira deles e correram de volta para a casa deles. Fiquei chateado com os meninos e fui até a fazenda dos senhores para me desculpar pela brincadeira de mau gosto, porém fiquei surpreso quando o casal de idosos contou que não se assustou por causa da brincadeira.

"Não precisa se desculpar, querida, é que pensávamos que esse espantalho tivesse sido destruído depois do que aconteceu." Disse a senhora, um pouco trêmula.

O senhor, um pouco sem fôlego e relutante em contar a história, explicou que os antigos moradores encontraram ele e o colocaram sobre o campo e um dia de repente o marido enlouqueceu e matou toda a família, sobrando somente a esposa, que conseguiu matá-lo ficando tão louca quanto ele, queimando o espantalho e jurando que o marido era inocente, que quem havia matado todo mundo havia sido o espantalho. Aconteceu há mais de vinte anos e após isso a casa não foi mais comprada por ninguém. Eles

pareciam muito nervosos então me despedi e fui embora para não incomodar mais.

Quando voltei para a fazenda o espantalho já estava pendurado no meio do campo. Entrando em casa encontrei meu marido, Eddy, Lisa e Alexia na sala, Rodrick devia estar no banheiro. Chamei a atenção para mim e contei a história que ouvi do casal de senhores. Não me levaram tão à sério, mas eu insisti e meu marido continuou zombando, então me estressei e saí de casa gritando que eu mesmo tiraria aquela coisa de lá. Meu marido, Lisa e Eddy me seguiram e assim que notei que o espantalho sumiu entrei em pânico culpando a brincadeira dele e dos rapazes. Tentaram me convencer de que alguém estava brincando e que eu não devia levar aquilo tão à sério, porém as palavras não acalmaram minha ansiedade. Com o abraço do meu marido eu fui levada de volta para casa. Mesmo convencida de que algo estava errado e que não estávamos seguros, deixei meu marido me conduzir.

Ainda longe de casa encontramos Rodrick que foi atrás da gente para ver se estávamos bem. Voltamos todos juntos e chegando em casa não encontramos Alexia lá. Verificamos em cada cômodo, então olhei pela janela, para a noite incerta, temendo pela minha amiga. Meia hora depois ela não havia aparecido e Rodrick decidiu sair para procurá-la, apreensivo pelo que contei.

Ficamos sem notícias por mais meia hora, então a campainha tocou. Tentei passar na frente de todos, ansiosa, mas meu marido me segurou e Lisa abriu a porta na minha frente encontrando Alexia. Quer dizer, metade dela estirada no chão. Restava apenas a parte da barriga para cima. Antes de expressarmos qualquer reação uma foice decapitou minha irmã e eu perdi o controle à medida que via seu corpo cair, seu sangue jorrar e sua cabeça rolar sem vida pelo chão. Gritando em desespero fui agarrada pelo meu marido que me levou correndo de lá pela porta dos fundos. Eu estava tremendo de ansiedade, sendo apenas guiada pelo meu marido e de repente me alertei com o grito de socorro do meu amigo Rodrick, então ouvi meu cunhado, choramingando.

"Leva ela daqui, ela precisa ficar segura! Vou encontrar o Rodrick."

Eddy se separou da gente e logo chegamos na fazenda dos nossos vizinhos. Apesar das batidas frenéticas e gritos do meu marido não tivemos resposta, então decidimos invadir para ficarmos seguros.

Meu marido pegou uma faca na cozinha e me disse que precisava ajudar seu irmão e então iniciamos uma discussão pois eu não queria deixá-lo ir. No meio dos nossos gritos o senhor apareceu na sala, atônito. Enquanto tentávamos acalmar o senhor, contamos o que aconteceu e ele ficou pálido, sem acreditar que a lenda era de fato verdadeira.

"Me perdoem, eu achei que era só uma historinha, que seria engraçado assustar vocês, jovens. Mas se realmente é verdade não precisam se preocupar mais, o espantalho só tem poder no território daquela fazenda, segundo a lenda."

"Não vou ficar aqui, preciso ajudar meu irmão." disse o meu marido decidido.

Antes de ir, o senhor se ofereceu para ir junto, preocupado com sua esposa que foi averiguar os gritos e não voltou. Trazendo uma espingarda do quarto eles foram até a fazenda enquanto eu permaneci sozinha.

Tentei usar o telefone, mas não funcionava. Fiquei andando de um lado para o outro ansiosa quando decidi procurar outra arma e ir atrás deles. Entrei no quarto dos senhores e revirei tudo em busca de algo, até que em um baú debaixo da cama encontrei o espantalho. Gritei me afastando, até notar que era apenas isso, um espantalho, um simples boneco de pano que nem se movia

Me afastei trêmula, tentando entender a situação, até ouvir a espingarda recarregando e o cano encostando na minha nuca.

ALÉM DA NÉVOA E DA LUZ

De todos lugares que podíamos conhecer, o reino da morte era o mais enigmático. Eu e meu irmão ficávamos conversando sobre o que de fato existe lá e estudávamos os ensinos mais ocultos em busca de respostas. Soava fascinante um lugar com tanto mistério que os que vão não voltam com respostas, contudo não é como se quiséssemos morrer cedo só para descobrir. Era questão de tempo, um dia chegaríamos nesse lugar. Só não imaginávamos que seria tão de repente.

No nosso quarto, enquanto estudávamos, um clarão entrou pela nossa janela e em instantes um nevoeiro frio tomou o ambiente por completo. A rua estava vazia, tudo que tinha em nossa volta era uma cortina de escuridão com pequenos furos feitos de raios de luz brancos. Caminhamos em qualquer direção, esperando chegar em algum lugar, porém chegamos em um ponto em que não havia mais chão, mal víamos um ao outro mesmo segurando um no ombro do outro para não nos perdermos e, apesar da densa névoa escura, conseguimos ver os diversos focos de luz, que mesmo brilhantes não iluminava nada.

O tempo que passamos lá sem algum efeito físico foi a certeza que não estávamos entre os vivos e até nos convencemos que seria só uma eterna caminhada, até que eu ouvi um sussurro no meu ouvido. Olhei pro lado, como se fosse enxergar algo, então continuei ouvindo sussurros e um foco de luz acendeu no fundo, como uma saída, um caminho. Assim que avisaria meu irmão ele contou que à nossa direita ele ouviu altas vozes e apontou para a escuridão afirmando enxergar uma saída em forma de luz. Bastou pouca discordância para suspeitarmos que ambos éramos chamados para caminhos opostos, logo decidimos continuar em frente, juntos.

Meu irmão enxergava silhuetas a nos rodear. Eu não as via, mas ouvia claramente suas vozes, o que meu irmão era impedido de notar. Entre as vozes mescladas ouvi claramente "não deviam estar aqui" e então meu irmão me puxou pelo braço e correu, dizendo que um vulto enorme nos alcançava. Começamos a correr em meio ao turbilhão de vozes malditas gritando na minha cabeça, até que aos poucos a névoa se dissipou um pouco e árvores mortas surgiram, comecei a enxergar silhuetas humanas e meu irmão começou a ouvir as mesmas vozes que eu, só que agora as vozes horrendas cessaram e ouvíamos a voz daqueles habitantes. A Névoa cobria toda essa floresta morta sem fim que encontramos, porém a luz também iluminava ao ponto de ninguém ficar no escuro.

Cada um daqueles homens e mulheres pareciam lamentar algo, sozinhos, como se não vissem uns aos outros. Alguns sentados em troncos caídos, outros deitados na terra, encostados nas árvores ou andando sem rumo de um lado para o outro ou batendo a cabeça nas árvores, inquietos. Crianças e velhos, de todas as raças e tipos, juntos no mesmo lugar, ainda assim sozinhos. Enquanto haviam os que eram atormentados com tristeza, arrependimento e medo haviam os atormentados com ansiedade, obsessão e ira. Os mais calmos eram rodeados por névoa enquanto os agitados pareciam mais iluminados.

Um garoto cercado pela névoa sussurrava sobre a bruxa que o enganou, sobre o sorriso do mal. Tentando contato ele se assustou, como se não nos enxergasse, mas nos ouvisse. De alguma forma não

tínhamos massa corpórea lá, só podíamos encostar no chão, nas árvores e um no outro, mas nada das pessoas de lá. Pedimos e o garoto nos contou a história dele. Em seguida nos aproximamos de outro jovem quente ao ponto de queimar. Ele não tinha certeza se estava em um pesadelo ou não, queria se matar, mas não conseguia. Ele nos viu, mas não parecia ouvir, sorte a nossa ele contar repetidamente como chegou ali.

Conhecemos muitas histórias de frios e quentes: uma criança que passou um inverno tenebroso em seu país e parou na casa aconchegante de um canibal, um jovem que ficou preso em seus sonhos, um rapaz que foi torturado e sujeitado à rituais profanos envolvendo rosas ensanguentadas pela nora, uma órfã que se sacrificou para que seu amigo exorcizasse forças malignas... Todos chegaram lá após morrerem. Os idiomas, dialetos, as narrações e até suas vestes mostravam que aquelas vítimas pertenciam a épocas e nações distintas. Ainda havia muito para explorar e conhecer, contudo enquanto ouvíamos a história de um homem, que, aparentemente, perdeu sua filha e mulher para uma amante que na verdade ocultava uma origem nefasta, ele se perdeu na narração e começou a tremer de ódio repetindo para si que só queria se vingar, que tinha ódio daquela mulher. Perguntei se ele não queria se redimir com sua família, contudo o perdão não era seu objetivo. De súbito sua pele derreteu, deixando à mostra sangue borbulhante, suas palavras se embolaram até morder a própria língua rangendo os dentes. Em instantes aquele homem havia se tornado um monstro em combustão. Nos afastamos sentindo nossa pele queimar com o calor insuportável. Vendo-o queimar de vez até suas fagulhas apagarem e um pouco mais daquele lugar se escurecer. De alguma forma, ele enfraqueceu a Luz aquele lugar, mas, estranhamente, os habitantes, alheios para sons e visões, claramente ouviram e enxergaram seu companheiro desaparecer, todos em um silêncio temerário.

Depois daquilo vimos outra pessoa morrendo, dessa vez sendo ela fria. Seu corpo foi escurecendo e se tornando uma espécie de poeira até não haver mais nada, apenas uma densa nuvem negra, na qual sentimos nossa mão congelar ao tentar se aproximar, de tão gélida que era. Logo, a poeira que não se dissipou e notamos que dessa vez a Névoa fora enfraquecida. Deduzimos que essa ninguém notou pois fora um uma morte silenciosa, contudo ouvimos de outro habitante "outro morreu? E-eu não quero morrer...» Então nos perguntamos: como pode alguém morrer depois da morte? Para onde se vai após morrer no pós vida?

Começamos a montar teorias e esquemas lógicos, talvez fosse uma espécie de ascensão ou decadência, ou mesmo reencarnação. Não importava, tínhamos problemas maiores. Nenhum habitante dali enxergava ou ouvia alguma coisa, contudo, todos se juntaram em uma só voz para clamar por misericórdia e em desesperados passos para fugir de algo. Eu e meu irmão olhamos bem tentando ver de quem fugiam, mas não enxergávamos nada. Inesperadamente um dos habitantes entrou em combustão do nosso lado e quase instantânea outro desfaleceu em escuridão atrás de nós. Vi meu irmão com os olhos arregalados recuando, desviando de algo invisível. Imprudentemente eu aproximei os olhos tentando enxergar algo quando de súbito, a poucos centímetros do meu rosto surgiu uma espécie de mão vermelha

tentando encostar em mim. Esquivei por reflexo, no susto e logo meu irmão me puxou para corrermos.

Depois de pouco tempo a névoa se intensificou e saímos da floresta, voltando ao nevoeiro escuro do início. Estávamos atentos, sabendo que qualquer coisa poderia nos atacar a qualquer momento. Acendeu uma luz que iluminou um enorme esqueleto. Ele flutuava de pernas cruzadas, expelia uma névoa densa e negra da boca que o cobria como um manto vivo de fumaça, seus olhos ardiam em chamas, suas mãos borbulhavam como se fossem líquido vaporizando e no alto de seu crânio havia um longo cabelo de névoa ornado com uma brilhante coroa de chamas.

"Vocês não deveriam estar aqui, não assim. Não sei o que fizeram para invadir meu reino, todavia as regras daqui devem ser seguidas. Vocês não seguiram seus caminhos, vocês nem sequer estão mortos... ainda."

"Qual o nome daqui? Estamos no reino dos mortos?" Perguntamos.

"Aqui é o túmulo e eu o coveiro, o que há entre a mórbida névoa e a destruidora luz. Não há nomes, aqui é o fim."

"Se é o fim para onde foram aqueles que morreram aqui?"

O silêncio tomou o ser que pareceu refletir.

"Algo... alguma doença está levando cada um de nós, como se pudesse matar os mortos, dar um fim àquilo que já teria terminado... mas... mas..." o ser gigante, até então estático, nos olhos lá de cima e, parando de flutuar, se posicionou de pé. "Mas vocês deveriam se preocupar com o fim de vocês."

Empunhando um cetro com uma enorme pedra de névoa mesclada com luz, o coveiro revelou silhuetas de milhares de monstros nos cercando. Estavam dispostos a acabar com a nossa expedição, até que algo atacou o gigante coveiro, que derrubou seu cetro, despedaçando a enorme jóia sobrenatural e dispersando os monstros. O coveiro escapou, desaparecendo em chamas na escuridão.

"Vocês estão marcados Loehs! Eu mesmo vou atrás de vocês!"

Um vulto piscando em vermelho, aparecendo e desaparecendo, caminhou até a gente. Meu irmão correu até o cetro caído e começou a recolher as pedras de névoa e luz, então aquela mancha vermelha que fez a própria morte fugir, disparou em nossa direção.

Se você leu nossas histórias até aqui, sabe que todo o final leva à morte. Nós dois há muito tempo somos exceção. Segurando meu irmão, sorrimos e enfim voltamos à nossa realidade. Não conseguimos todas as respostas, nem o próprio coveiro dos homens sabia responder nossas perguntas, porém não voltamos de mãos vazias.

Conseguimos enigmáticas relíquias, mais conhecimento, novos inimigos, estranhas histórias para contar e mais sede ainda por respostas. Te contaremos tudo o que descobrirmos e enquanto você nos observar, nós iremos te mostrar o que seus olhos nunca verão, mas sua mente pode imaginar.

Ass.: **Os Loehs**

Luiz Felipe e Luiz Gustavo são amigos inseparáveis desde os dias de escola, quando se conheceram durante uma aula. Compartilhando uma paixão mútua por histórias sombrias e atmosferas misteriosas, os dois jovens logo descobriram que suas mentes inquietas estavam repletas de ideias para criar seu próprio universo de terror.

Luiz Felipe, um sonhador nato, sempre foi fascinado pelo oculto e pelo sobrenatural. Sua mente criativa é uma fonte inesgotável de imagens sombrias e enredos arrepiantes. Desde cedo, ele se dedicou a explorar os cantos mais sombrios da literatura, encontrando inspiração em grandes mestres do terror.

Luiz Gustavo, por sua vez, é um observador perspicaz e curioso. Sua paixão por desvendar mistérios e entender o desconhecido o levou a mergulhar em estudos sobre lendas antigas e mitos obscuros. Sua mente analítica e meticulosa traz uma profundidade única às histórias que cria.

Os dois amigos compartilharam suas ideias e devaneios ao longo dos anos, alimentando um desejo mútuo de criar algo especial juntos. Foi assim que "Irmãos Loesh: Conto da Névoa e da Luz" ganhou vida.

Este livro de terror leva os leitores a um mundo sombrio e enigmático, onde os limites entre a realidade e o sobrenatural se entrelaçam. Com personagens complexos e uma trama intrincada, os Irmãos Loesh se tornam uma presença assustadora em um cenário misterioso, onde névoas sinistras e luzes inexplicáveis desafiam a lógica e a sanidade.

Luiz Felipe e Luiz Gustavo, unidos por sua amizade e amor pela escrita, mergulharam fundo na criação deste livro. Seus esforços conjuntos deram vida a uma história envolvente, repleta de suspense, horror e reviravoltas surpreendentes. Cada capítulo é cuidadosamente elaborado para instigar o medo e a curiosidade do leitor, enquanto os segredos dos Irmãos Loesh se revelam aos poucos.

"Irmãos Loesh: Conto da Névoa e da Luz" é uma obra que reflete a imaginação vibrante e a criatividade arrepiante desses dois jovens autores. Com sua escrita envolvente e a habilidade de transportar os leitores para um mundo de pesadelos, Luiz Felipe e Luiz Gustavo prometem oferecer uma experiência de leitura inesquecível para os amantes do terror. Prepare-se para ser cativado e assombrado por "Irmãos Loesh" e embarque em uma jornada sombria e emocionante que irá prender você até a última página.



IRMÃOS LOESH:
CONTOS DA NÉVOA E DA LUZ

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2023

IRMÃOS LOESH:

CONTOS DA NÉVOA E DA LUZ

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

@atenaeditora

www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora

Ano 2023